

Enquadramento institucional

Este trabalho foi expressamente elaborado com vista à obtenção do grau de Mestre em Psicologia do Desporto e do Exercício

Agradecimentos

Concluída mais esta etapa particularmente importante da minha formação, e da minha vida, não podia deixar de agradecer aqueles que fizeram com que este momento fosse possível, e que me apoiaram neste longo caminho.

Aos meus Pais pelo apoio e carinho, pela força, que sempre me deram para a realização dos meus objetivos. A minha Mana, que é tão especial para mim. Sem vocês nada disto tinha sido possível... Obrigada!

À minha família pelo reconhecimento, pelo orgulho que tiveram sempre em mim.

À Cláudia um grande obrigada por simplesmente estar ali. És aquela amiga de todas as horas, aquela amiga a quem partilho os bons e maus momentos da minha vida, aquela amiga que procuro quando preciso de chorar, rir ou gritar, e sei que vai estar sempre ali.

À Natalie um gigante agradecimento por simplesmente ser como é. Apesar de te teres mudado para o outro lado do mundo, continuaste a acompanhar-me sempre nesta minha viagem. Um beijo com saudade...

Ao Adriano, por ser tão especial na minha vida.

A todos os meus amigos que ficaram ao longo destes últimos anos espalhados por diversas zonas do país.

À Edna, nem sei como escrever o quanto estou agradecida. Sem dúvida que sem ti nada disto era possível. Muito obrigada por tudo, pela paciência, pelas horas perdidas, pela tua total disponibilidade. Muito obrigada!

Por último, mas não menos importante, à professora Carla Chicau Borrego, por ter aceite acompanhar-me na elaboração deste trabalho. Um muito obrigado, pela paciência e disponibilidade.

A todos o meu mais sincero agradecimento...

Resumo

O nosso estudo é composto por dois grandes objetivos, sendo eles, a tradução e a validação preliminar da *Role Ambiguity Scale* (Beauchamp, Bray, Eys e Carron, 2002) e o exame da relação entre a ambiguidade de papel e a satisfação. O modelo conceptual de ambiguidade de papel (Beauchamp et al., 2002) operacionaliza este conceito como um construto multidimensional composto por 20 itens distribuídos por quatro dimensões (extensão das responsabilidades, comportamentos necessários ao cumprimento de papel, avaliação de papel e consequências do não cumprimento do papel), manifestado em dois contextos: ofensivo e defensivo. Os resultados da validação preliminar não estão consistentes com o modelo original mostrando um contexto defensivo composto por 9 itens distribuídos por dois fatores e um contexto ofensivo constituídos por 11 itens distribuídos por três fatores, com valores de consistência interna aceitáveis. No segundo estudo participaram 232 atletas do sexo masculino praticantes de futebol no escalão juvenil e júnior. De acordo com Eys, Carron, Beauchamp & Bray (2003), a ambiguidade de papel está negativamente relacionada com a satisfação e os resultados do nosso estudo estão consistentes com a literatura consultada. Verificamos que o principal preditor da satisfação é a dimensão avaliação de papel no contexto ofensivo. No estudo três comparámos as manifestações da ambiguidade de papel e da satisfação nos escalões da amostra e verificámos haver diferenças significativas em quase todas as manifestações da ambiguidade de papel no contexto ofensivo e defensivo (exceto na dimensão comportamentos de papel no contexto ofensivo). Relativamente às manifestações da satisfação, estas apresentam diferenças significativas entre os escalões nas dimensões: prestação equipa e dedicação pessoal.

Palavras-Chave: Ambiguidade de Papel, Satisfação, Futebol, Escalão Juvenil e Júnior

Abstrat

Our study consists in two main objectives and they are the translation and preliminary validation of Role Ambiguity Scale (Beauchamp, Bray, Eys and Carron, 2002) and the examination of the relationship between role ambiguity and satisfaction. The conceptual model of role ambiguity (Beauchamp et al., 2002) operationalizes this concept as a multidimensional construct consisting of 20 items across four dimensions (scope of the responsibilities, role behaviors, role evaluation and role consequences) and expressed in two contexts: offensive and defensive. Preliminary validation results are not consistent with the original model showing a defensive context consisting of 9 items across four factors and an offensive context consisting of 11 items spread over three factors with acceptable reliability. In the second study involved 232 male athletes who play football at youth and junior level. According to Eys, Carron, Beauchamp & Bray, the role ambiguity is negatively related to satisfaction and the results of our study are consistent with the literature. We found that the main predictor of satisfaction is the scope of their offensive evaluation of role performance. In the third study, we compared the manifestations of the role ambiguity and satisfaction in the sample and found significant differences in almost forms of defensive and offensive role ambiguity (except scope of the offensive behaviors). For the manifestations of anxiety satisfaction, they present significant differences between the levels in the dimensions: team performance and personal commitment.

Key-Words: Role Ambiguity, Satisfaction, Football, Youth and Junior Level

Índice

Índice de Figuras	IX
Índice de Tabelas	X
Lista de Siglas	XII
Capítulo I - Introdução	1
Capítulo II – Revisão da Literatura	2
1. Grupos no Desporto	2
1.1. Grupo	2
1.2. Composição do Grupo	3
1.3. Coesão de Grupo	4
1.4. Estrutura do Grupo	7
1.4.1. <i>Papéis e Normas do Grupo</i>	7
1.4.2. <i>Papéis Formais e Informais</i>	8
1.4.3. <i>Emergência dos Papéis dentro do Grupo</i>	9
1.4.4. <i>Dimensões dos Papéis</i>	9
1.4.4.1. Desempenho do Papel	10
1.4.4.2. Satisfação do Papel	10
1.4.4.3. Aceitação do Papel	10
1.4.4.4. Eficácia do Papel	10
1.4.4.5. Conflito de Papéis	11

2. Conceito Ambiguidade de Papel	12
2.1. Quadro Teórico das Responsabilidades do Papel	12
2.1.1. <i>Fatores relacionados com o Treinador (A)</i>	13
2.1.2. <i>Fatores relacionados com o Atleta (B)</i>	14
2.1.3. <i>Fatores relacionados com a Situação (C)</i>	14
2.1.4. <i>Fatores Grupais</i>	14
2.2. Abordagem Multidimensional da Ambiguidade de Papel	15
2.3. Avaliação da Ambiguidade de Papel	17
2.4. Trabalhos realizados no âmbito da Ambiguidade de Papel	18
3. Satisfação	25
3.1. Satisfação do Atleta	25
3.2. Avaliação da Satisfação	29
4. A relação entre a Ambiguidade de Papel e a Satisfação do Atleta	29
 Capítulo III – Metodologia	 31
1. Estudo I: Tradução para a Língua Portuguesa e Validação Preliminar da <i>Role Ambiguity Scale</i> (Beauchamp, Bray, Eys & Carron, 2002)	31
1.1. <i>Caracterização dos participantes</i>	31
1.2. <i>Instrumentos</i>	32
1.3. <i>Procedimentos</i>	32
1.3.1. Procedimentos para a tradução	32
1.3.2. Procedimentos estatísticos para a validação preliminar	34

1.4. Apresentação e discussão dos resultados	35
1.5. Conclusões	47
2. Estudo II - Relação entre a Ambiguidade de Papel e a Satisfação	49
2.1. Tipo de estudo	49
2.2. Objetivos específicos	49
2.3. Caracterização dos participantes	49
2.4. Definição de variáveis	50
2.5. Instrumentos	50
2.6. Procedimentos	52
2.6.1. Procedimentos estatísticos	52
2.7. Apresentação e discussão dos resultados	53
2.7.1. Regressão múltipla	59
2.8. Conclusões	62
3. Estudo III – Estudo Comparativo da Ambiguidade de Papel e a Satisfação entre os escalões Júnior e Juvenil	63
3.1. Tipo de estudo	63
3.2. Formulação de hipóteses	63
3.3. Caracterização dos participantes	63
3.4. Definição de variáveis	64
3.5. Instrumentos	64

3.6. <i>Procedimentos</i>	64
3.6.1. Procedimentos estatísticos	64
3.7. <i>Apresentação e discussão dos resultados</i>	64
3.8. <i>Conclusões</i>	69
 Capítulo IV – Conclusões Gerais	 70
Capítulo V – Limitações e Propostas para Novos Trabalhos	72
Capítulo VI – Bibliografia	73

Índice de Figuras

Figura 1. Modelo conceptual para o estudo das equipas desportivas	3
Figura 2. Modelo conceptual de Carron, para a coesão em equipas desportivas (Adaptado de Carron, 1982)	5
Figura 3. Quadro teórico dos fatores influenciadores na transmissão e receção das responsabilidades do papel (Eys et al., 2005) no contexto desportivo	13

Índice de Tabelas

Tabela 1. Apresentação resumida de estudos da Ambiguidade do Papel no contexto desportivo.....	19
Tabela 2. Facetas da Satisfação do Atleta (Clelladurai & Riemer, 1997; Chelladurai, 1999, p.240; <i>cit.</i> por Borrego & Alves, 2006)	28
Tabela 3. Análise descritiva dos participantes (Defensivo e Ofensivo)	31
Tabela 4. Análise descritiva das respostas aos itens da Escala de Ambiguidade de Papel, Contexto Defensivo	36
Tabela 5. Análise descritiva das respostas aos itens da Escala de Ambiguidade de Papel, Contexto Ofensivo	37
Tabela 6. Análise da consistência interna da Escala Ambiguidade de Papel, Contexto Defensivo/Ofensivo	39
Tabela 7. Análise fatorial exploratória da Escala de Ambiguidade de Papel contexto Defensivo/Ofensivo (com rotação Promax)	43
Tabela 8. Análise da consistência interna e correlações da Escala de Ambiguidade de Papel (solução encontrada)	44
Tabela 9. Estrutura fatorial, Contexto Defensivo	45
Tabela 10. Estrutura fatorial, Contexto Ofensivo	46
Tabela 11. Caracterização dos participantes	49
Tabela 12. Estatística descritiva ambiguidade de papel e satisfação	54
Tabela 13. Correlação entre ambiguidade de papel e satisfação no contexto defensivo e ofensivo	56
Tabela 14. Análise da regressão múltipla das dimensões da Escala de Ambiguidade do Papel (EAP) sobre as dimensões da satisfação (QSA)	61
Tabela 15. Caracterização dos participantes por escalão	63

Tabela 16. Análise descritiva ambiguidade de papel nos contextos defensivo e ofensivo, escalões juvenil e júnior	65
Tabela 17. Análise descritiva satisfação nos escalões juvenil e júnior	66
Tabela 18. Teste Levene para igualdade de variâncias e teste t para igualdade de médias no contexto defensivo	67
Tabela 19. Teste Levene para igualdade de variâncias e teste t para igualdade de médias no contexto ofensivo	67
Tabela 20. Teste Levene para igualdade de variâncias e teste t para igualdade de médias da satisfação	68

Lista de Siglas

AFC - Análise Fatorial Confirmatória

AFE - Análise Fatorial Exploratória

ASQ - *Athlete Satisfaction Questionnaire*

EAP - Escala de Ambiguidade de Papel

EARSC - *L'Echelle d'Ambiguïté du Role Sans Contexte*

QSA - Questionário da Satisfação do Atleta

RAS - *Role Ambiguity Scale*

Capítulo I – Introdução

O estudo da Ambiguidade de Papel, em contexto desportivo, é um tema recente e pouco explorado na comunidade técnico ou científica. A Ambiguidade de Papel deve ser entendida como a falta de informação clarificada em relação a um determinado papel específico (Kahn, Wolfe, Quinn, Snoek, & Rosenthal, 1964 *cit.* por Beauchamp, Bray, Eys & Carron, 2002). Os seus primeiros estudos foram realizados ao nível das organizações (Abramis, 1994) e só mais tarde em 2001 é que a Ambiguidade de Papel começou a ser explorada no contexto desportivo, por Beauchamp, Bray, Carron e Eys.

Relativamente à Satisfação de um atleta, esta entende-se por *“um estado afetivo positivo resultante de um processo complexo de avaliação de estruturas, processos, e resultados associados à experiência desportiva”* (Riemer e Chelladurai 1998, p.135). É muito reduzida a investigação sobre a possível relação entre Ambiguidade de Papel e Satisfação no desporto, a investigação tem sido desenvolvida na psicologia industrial e organizacional. Vários estudos têm identificado a relação negativa entre a ambiguidade de papel e satisfação (Abramis, 1994; Fisher & Gitelson, 1983; Horne & Carron, 1985). Uma meta-análise de Jackson e Schuler (1985) indicou que ambiguidade de papel foi negativamente associada aos vários aspetos da satisfação no trabalho dos funcionários. As pesquisas, limitadas, no contexto desportivo sobre estes dois domínios indicaram que níveis baixos de ambiguidade de papel foram relacionados com uma maior satisfação por parte dos atletas (Eys, Carron, Beauchamp & Bray, 2003). Ainda, Beauchamp, Bray, Eys e Carron (2005) constataram que a necessidade de clarificar o papel vai moderar a relação entre a ambiguidade de papel e a satisfação do atleta.

O nosso estudo contempla, assim, dois objetivos principais sendo eles: tradução para a língua portuguesa e validação preliminar da *Role Ambiguity Scale* (Beauchamp, et al., 2002), e a averiguação da relação entre a ambiguidade de papel e a satisfação.

Capítulo II - Revisão da Literatura

1. Grupos no Desporto

“Hoje em dia no desporto ganham as melhores equipas e não as melhores individualidades. Não importa o favorito, pois vencerá sempre quem melhor jogar em equipa, e quem for menos egoísta”.

Emanuel Ginóbili; citado na Revista *El Gráfico* (2005, *cit.* por Giesenow, 2007)

Nos desportos de equipa, o sucesso depende de um eficaz trabalho de equipa seguindo uma direção e um objetivo comum. Muitas vezes isto significa aceitar as responsabilidades dadas dentro de uma equipa, que precede as ambições pessoais, investindo esforço para o bem comum, tendo um amplo conhecimento dos outros membros da equipa, das suas habilidades, e prestar apoio e feedback sempre que necessário.

1.1. Grupo

A pertença a um grupo é uma característica fundamental da nossa sociedade. Praticamente durante toda a vida pertencemos a algum. Desde o nascimento interagimos diariamente e exercemos a nossa influência sobre outros indivíduos dentro de diferentes grupos (familiar, educacional, laboral, social, religioso, desportivo), assim como esses mesmos grupos e os seus membros influenciam e tem um impacto significativo sobre nós. Pertencer a um grupo afeta a perceção que temos de nós mesmos e do nosso comportamento.

Os grupos possuem um efeito modelador sobre os seus integrantes, criam condutas e disposições nos seus membros. Na interação com os outros o indivíduo tem a possibilidade de ampliar o seu horizonte pessoal, compreender as suas semelhanças, apreciar os seus valores e a forma de interagir e de pensar, pode ainda aumentar a sua sensibilidade nas relações humanas. A sua maturidade social depende das interações com os outros (Gibb, Gibb, & Platts, 1996; *cit.* por Giesenow, 2007).

A necessidade de pertença e afiliação são duas das necessidades humanas apresentadas como responsáveis pela tendência das pessoas se agruparem e associarem. Estar com pessoas e estabelecer vínculos fortes são motivações fundamentais para o ser humano.

Em todas as culturas do mundo, um dos fenômenos de socialização por excelência em crianças, jovens e adultos são os desportos de equipa, pois estes têm um importante alcance na sociedade. As equipas desportivas podem ser o contexto onde se fomentam características como, a autoconfiança, a mudança de atitude e de comportamento, a adoção de objetivos, assim como o aumento da autoestima (Carron & Hausenblas, 1998).

Neste sentido, e segundo Sherif e Sherif (1956 *cit.* por Carron, 1994), o grupo é uma unidade social que consiste num número de indivíduos que definem relações e regras entre eles, e que possuem valores, normas que regulam o comportamento dos membros ao nível de problemas e consequências do grupo. Não basta haver proximidade constante para existir um grupo, sendo que o sentimento de pertença por parte dos membros de um grupo é um fator essencial para que este possa ser considerado como tal.

Pertencendo a um grupo, as pessoas estão interessadas em pertencer à mesma coletividade, referindo-se esta mesma coletividade como “nós” e aos outros grupos, por “eles”. Assim, um grupo caracteriza-se por ter uma identidade comum, objetivos comuns, estruturas organizacionais e modos estruturados de comunicação, ou seja, cada um tem o seu papel, mas todos pretendem chegar ao mesmo objetivo, necessidade de se sentir integrado, sendo que a interação e os objetivos partilhados, afetam as crenças e o comportamento de um grupo (Carron & Hausenblas, 1998).

1.2. Composição do Grupo

A figura 1 representa o modelo conceptual desenvolvido por Carron, Hausenblas e Eys (2005) para o estudo de equipas desportivas.

Figura 1. Modelo conceptual para o estudo das equipas desportivas



Este modelo é constituído por *Inputs* e *Outputs*. Os *Inputs* são representados pelos Atributos do Grupo, características individuais dos atletas como o género, o nível técnico-tático ou a personalidade, e o Meio do Grupo, correspondendo ao tamanho do grupo e ao território que este ocupa habitualmente. A Estrutura do Grupo emerge das relações entre os membros, sendo esta composta pelas normas, papéis, posição do grupo e estatuto do grupo. A Coesão do Grupo é *“um processo dinâmico que reflete a tendência para o grupo se afastar ou para se unir perante a perseguição dos seus objetivos e das necessidades afetivas dos membros do grupo”* (Carron & Hausenblas, 1998). Os Processos de Grupo traduzem as interações dinâmicas que caracterizam todas as implicações de um grupo, estando relacionados com os objetivos comuns, a eficácia coletiva, assim como com a cooperação. Os *Outputs* são representados pelos Resultados Coletivos e Individuais, que são o produto de todo este conjunto de conceitos.

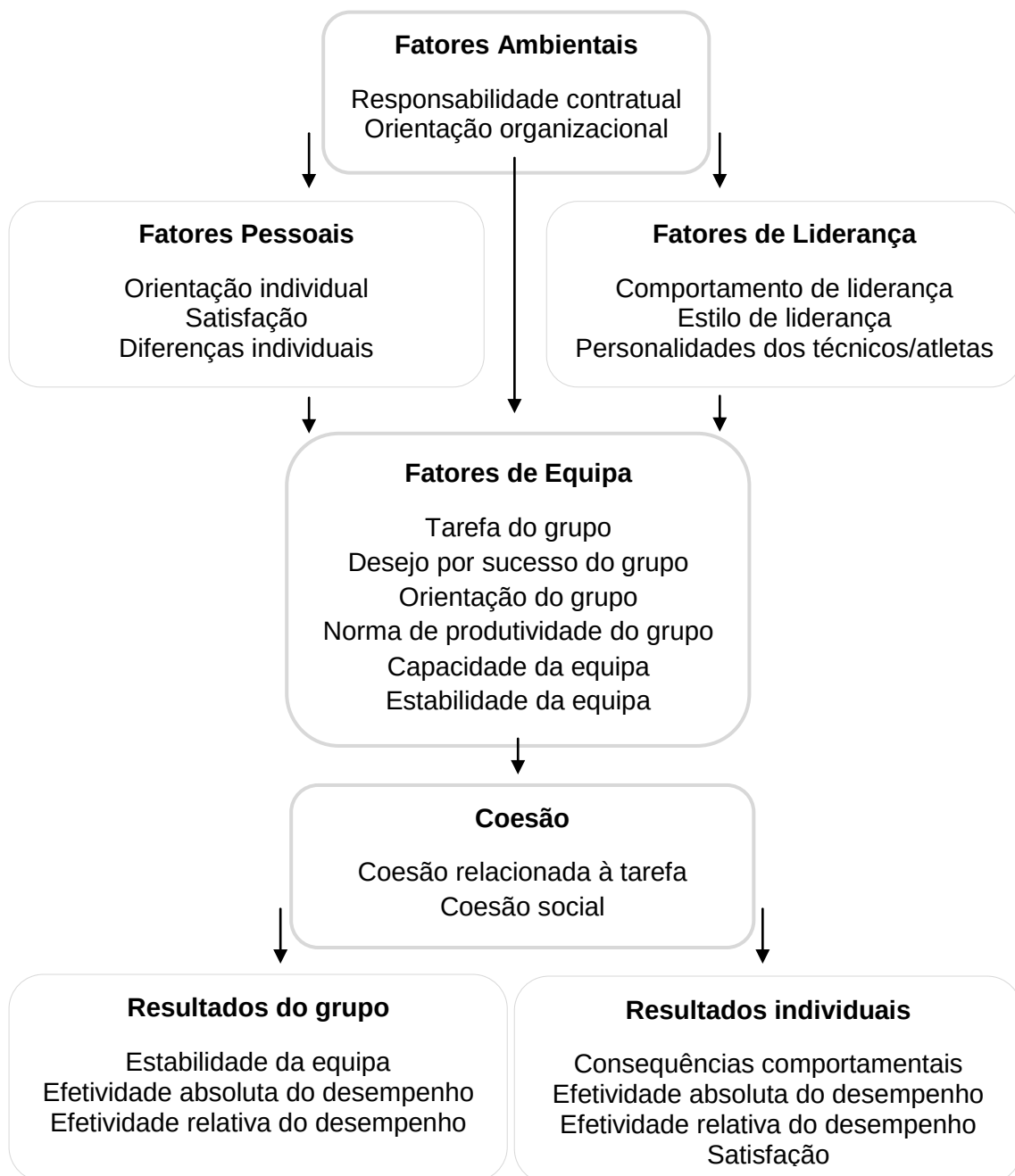
1.3. Coesão de Grupo

Carron, Brawley e Widmeyer (1997, *cit.* por Dosil, 2008) definem coesão como *“um processo dinâmico que se revê na tendência de um grupo em unir-se e manter-se unido na realização dos seus objetivos instrumentais e/ou para a satisfação das necessidades afetivas dos seus membros”*.

Carron et al. (Carron, 1982; Carron & Dennis, 2001; Carron & Hausenblas, 1998) propuseram um quadro conceptual da coesão de grupo no desporto que representa os fatores que contribuem para a formação da coesão de grupo e o consequente efeito dessa mesma coesão no desempenho da equipa (ver figura 2).

Este sistema conceptual propõe a coesão social e a coesão na tarefa como mediadores da relação entre um conjunto de variáveis antecedentes e os produtos individuais e grupais. São sugeridas quatro categorias de antecedentes: ambientais, pessoais, de liderança e da equipa. Em relação aos fatores ambientais, identificamos o tamanho do grupo como uma variável capaz de influenciar diferentes aspetos da coesão. Widmeyer, Brawley e Carron (1990) verificaram que atletas de basquetebol (recreativo) competindo ao longo de uma época demonstravam uma maior coesão na tarefa quando pertenciam a equipas pequenas. As características pessoais dos membros de uma equipa podem ser um aspeto influenciador na coesão. Widmeyer et al. (1985) constataram a existência de diferenças entre géneros em termos de coesão social em atletas de equipas desportivas, sendo mais elevada nos homens do que nas mulheres.

Figura 2. Modelo conceptual de Carron, para a coesão em equipas desportivas
(Adaptado de Carron, 1982)



As interações complexas que se estabelecem entre o treinador e os seus atletas podem igualmente influenciar o desenvolvimento da coesão. Westre e Weiss (1991) examinaram a relação entre a coesão de equipa e as perceções do estilo de liderança e dos comportamentos dos seus treinadores, evidenciando que os treinadores que eram vistos como fornecendo maiores níveis de apoio social, treino e instrução, feedback positivo e estilo democrático, tinham atletas que percecionavam

maiores níveis de coesão na tarefa das suas equipas. Descobriram ainda que esta relação era moderada, quer pelo sucesso individual e da equipa, quer pelo estatuto de jogador (mas não pela posição que ocupavam: defensiva ou ofensiva). No que diz respeito aos fatores de equipa, a experiência partilhada pode ser um exemplo de um antecedente da coesão. Sucessos ou insucessos partilhados por membros de uma equipa pode conduzi-los a uma maior união (Carron, Ball & Chelladurai, 1977). Brawley, Carron e Widmeyer (1993) apresentaram alguma evidência para a ideia de que a participação no estabelecimento de objetivos está positivamente relacionada com a perceção da coesão da equipa. Para Carron e Chelladurai (1981) a perceção da coesão é ainda moderada pela natureza da tarefa desportiva. Relativamente às consequências da coesão, Carron (1982) apresenta dois fatores como consequências positivas: produtos individuais e produtos do grupo. Spink e Carron (1993, *cit.* por Cruz, 1996) demonstraram uma associação positiva entre a coesão e a aderência ao grupo, mais especificamente, em termos de redução do absentismo e dos atrasos em equipas sujeitas a programas de *“team building”*. Verificando ainda, que os atletas das equipas sujeitas a estes programas, expressavam mais atração individual para o grupo, bem como um aumento significativo da satisfação individual. De facto, tem-se comprovado que a coesão tem algum impacto sobre o estado psicológico dos atletas, por exemplo, sobre a satisfação com a experiência competitiva, a qual tende a aumentar com a perceção de elevada coesão (Horn, 1992; *cit.* por Cruz, 1996). Também Carron et al. (1977) demonstraram que a coesão está ligada à satisfação dos membros. Do mesmo modo, Brawley, Carron e Widmeyer (1988) referem que os membros de equipas desportivas mais coesas dispõem de perceções mais fortes de que a sua equipa é capaz de fazer frente ao impacto negativo de acontecimentos perturbadores ou ameaçadores.

De acordo com Widmeyer, Carron e Brawley (1993) tem sido demonstrado que a coesão se relaciona com vários fatores, como o rendimento, a satisfação, as interações sociais e de tarefa e a comunicação dentro da própria equipa, os esforços do treinador para reforçar a coesão, a importância do objetivo da equipa, a estabilidade do grupo, a aceitação de papéis e a conformidade com as normas do grupo, a eficácia coletiva e as perceções do estilo e comportamentos de liderança. Tem sido também demonstrado que certas relações da coesão são moderadas pelo estatuto de titular dos membros, pelas suas perceções do sucesso individual e coletivo, e pelo nível competitivo. Na busca da compreensão da “psicologia da equipa”, Partington e Shangi (1992, *cit.* por Cruz, 1996) sugeriram e concluíram que a eficácia de uma equipa exige uma perspectiva multidimensional que inclui os seguintes

elementos: a) atitude e talento do atleta; b) liderança técnica do treinador; c) liderança interpessoal do treinador; d) coesão social; e) integração na tarefa; e finalmente f) estilo de jogo da equipa.

1.4. Estrutura do Grupo

A estrutura de um grupo depende muito das interações dos seus membros, do modo como eles se percebem uns aos outros, o que esperam de si mesmos, e dos outros. Para um grupo de indivíduos se tornar numa equipa efetiva, certas características estruturais devem ser desenvolvidas. Duas das mais importantes são os papéis no grupo e as normas do grupo.

1.4.1. Papéis e Normas do Grupo

Segundo Katz e Kahn, 1978; Shaw (1971, *cit.* por Jones, 2006), o Papel é definido como um conjunto de expectativas acerca de comportamentos, para uma posição específica num contexto social particular.

No contexto da Psicologia do Desporto, Biddle e Thomas, 1996; Shaw e Constanzo, 1982; Sherif e Sherif (1953, *cit.* por Beauchamp 2007, p.182), o Papel representa um *“conjunto de expectativas de comportamentos para uma determinada posição na estrutura social”*. Numa equipa desportiva, os papéis resultam da definição da hierarquia e da liderança (Carron & Hausenblas, 1998). As normas no grupo colaboram para o estabelecimento da cultura da equipa. Uma norma traduz um nível de desempenho, um padrão de comportamento, ou uma crença. Podem ser formalmente estabelecidas ou informalmente desenvolvidas por um grupo. Cada norma carrega expectativas e comportamentos diferentes que devem ser seguidos pelos membros do grupo. Uma vez que as normas podem ter efeitos poderosos sobre o comportamento é imperativo que o técnico do grupo estabeleça normas ou padrões de grupo positivos. Pois foi demonstrado que uma norma arbitrária pode persistir por quatro a cinco gerações após os membros originais saírem do grupo (Weinberg & Gould, 2003, p. 175).

A noção de papel suporta uma variedade de significados. De uma maneira geral, os psicólogos sociais definem o papel como um conjunto organizado de condutas, expectativas e comportamentos (Banton, 1965; Hellriegel et al., 1992; Tajfel & Fraser, 1981; *cit.* por Bosselut, 2008, p.9) relacionados com a posição ocupada pelo indivíduo no seio do grupo. Uma definição recente, no ramo das organizações, define

o papel como “*um padrão de comportamentos visto pelos empregados como comportamentos esperados*” (Tubre & Collins, 2000, p.156; cit. por Bosselut, 2008, p.9). Esta definição enfatiza um processo de interiorização das exigências comportamentais da estrutura na qual o indivíduo está inserido. No entanto, existem diferenças quanto à origem destas condutas, expectativas e comportamentos. Oberlé (1995) distingue duas perspectivas diferentes no que diz respeito à gênese dos papéis:

1. Uma perspectiva descendente (*top-down*) que considera que os papéis resultam de uma estrutura grupal que determina e impõem membros. A estrutura, ou um dos seus representantes (por exemplo, o líder), prescreve um conjunto de comportamentos a desempenhar em função da posição ocupada pelo papel do destinatário no coletivo.
2. Por outro lado, uma perspectiva ascendente (*bottom-up*) que argumenta que os papéis emergem das interações entre os diferentes indivíduos nas atividades de grupo. Durante estas interações, determinadas condutas estabilizam em torno de determinadas posições, e criam papéis que diferem ao longo do tempo.

1.4.2. Papéis Formais e Informais

Estes dois conceitos abrangem a distinção entre papéis formais e informais (Mabry & Barnes, 1980, cit. por Bosselut, 2008, p.10). De acordo com Beauchamp e Bray (2001): “*os papéis informais desenvolvem-se através do processo de interações interpessoais dentro do grupo (...) Os papéis formais são prescritos diretamente pelos membros do grupo, que, no contexto de equipas desportivas, inclui comportamentos específicos associados com a tarefa determinada pelos sistemas ofensivo e defensivo criado pelo treinador*” (p.137).

Desta forma, Papéis formais ou posicionais, correspondem às posições a ocupar em campo e à tática. Estão limitados pelo regulamento, pela dinâmica de jogo e por questões táticas. Também estão diretamente relacionados com a hierarquia institucional. Por sua vez, os papéis informais ou sociais, desenvolvem-se como resultado das interações que ocorrem entre os membros de um grupo. E como cada equipa é composta por jogadores com diferentes personalidades, cada jogador irá ocupar um lugar diferente dentro do grupo. Recentes publicações abordaram indiretamente os papéis informais através da liderança informal de parceiros (Dupuis, Bloom & Loughhead, 2006; Eys, Loughhead & Hardy, 2007; Loughhead & Hardy, 2005; Loughhead, Hardy & Eys, 2006; cit. por Bosselut, 2008, p.11). Esta forma de liderança é definida como “*a ocupação, por um atleta, de um papel formal ou informal no interior da equipa, que influencie os membros do grupo (mínimo de dois membros) para o*

sucesso de um objetivo comum” (Loughead et al., 2006, p.144; *cit.* por Bosselut, 2008, p.11). No entanto, nestes estudos, os autores mostram interesse na dispersão de formas de liderança (operatória, social, externa; Neubert, 1999; *cit.* por Borsselut, 2008, p.11) dentro das equipas, sem distinguir a sua origem formal ou informal.

1.4.3. Emergência dos Papéis dentro do Grupo

Esta primeira categorização, baseada na génese do papel, pode agrupar-se numa segunda categoria centrada na orientação do papel. Baseado no trabalho de Bales e Slater (Bales & Slater, 1955; Bales, 1958; Slater, 1955; *cit.* por Bosselut, 2008, p.11) sobre o funcionamento de grupos focais com membros do mesmo status (grupo de pares). Neste estudo, os autores, observaram a emergência de dois tipos de papéis, um operacional ou de tarefa, e o outro mais orientado para o suporte socioemocional. O papel operacional ou de tarefa, baseia-se em comportamentos focados na produção e realização dos objetivos do grupo. O papel socioemocional privilegia o comportamento focado no apoio, na harmonia das relações interpessoais e da integração do grupo. Se, originalmente, esta categorização era considerada uma perspetiva ascendente (*bottom-up*), ela não pode ser no entanto aplicável aos papéis descritos. As duas categorizações apresentadas acima, podem-se cruzar para descrever os papéis desempenhados pelos indivíduos dentro dos grupos (ou seja, formal e operacional, formal e sócio-emocional, informal e operativo, informal e sócio-emocional).

1.4.4. Dimensões dos Papéis

Associado à definição de papel, às conceções de génese e orientação, os psicólogos sociais têm desenvolvido diversos conceitos para descrever o empenho, o envolvimento dos indivíduos nos seus papéis (Eys, Beauchamp & Bray, 2006). Estes autores propuseram a organização destes conceitos em três distintos papéis: comportamental, emocional e cognitivo. Desta forma, a prestação do papel caracteriza a versão comportamental do papel, a satisfação e a aceitação do papel são a versão da eficácia e do lado emocional, o conflito e a clareza (ou ambiguidade) do papel representam a versão cognitiva do papel.

1.4.4.1. Desempenho do Papel

O desempenho do papel (*role performance*) é o lado comportamental do papel (Carron et al., 2005). Segundo Carron e Hausenblas (1998) o comportamento deve ser coerente com as expectativas do papel desempenhado. No contexto do desporto, os treinadores avaliam a entrega e a prestação dos atletas em função do seu papel.

1.4.4.2. Satisfação do Papel

A satisfação do papel (*role satisfaction*) refere-se ao lado emocional do papel, ou às emoções (felicidade, alegria, orgulho, vergonha) experimentadas pelos indivíduos nos seus papéis (Carron et al., 2005). Rail (1987, *cit.* por Bosselut, 2008, p.12) descreveu quatro fatores determinantes da satisfação experimentados por treinadores e dirigentes do desporto para o papel que desempenham. Esta satisfação forma-se quando os papéis (a) fornecem a oportunidade de usar as suas habilidades e conhecimentos, (b) permite-lhes receber feedback ou reconhecimento, (c) fá-los sentir importantes, e (d) lhes confira autonomia.

1.4.4.3. Aceitação do Papel

A aceitação do papel (*role acceptance*) foi recentemente definida por Eys et al. (2006) como o grau de semelhança entre as expectativas do atleta sobre as suas responsabilidades, como parte das responsabilidades do seu papel e as expectativas do treinador que lhe atribui determinado papel.

1.4.4.4. Eficácia do Papel

A eficácia do papel (*role efficacy*) situa-se no lado cognitivo do papel e refere-se às crenças dos indivíduos sobre a sua capacidade para executar funções específicas em relação aos outros. De acordo com Beauchamp et al. (2002, p.232) “a eficácia do papel traduz uma forma específica de autoeficácia, confiança de um membro da equipa na sua capacidade de desempenhar as funções do seu papel de forma independente”.

1.4.4.5. Conflito de Papéis

O conflito de papéis (*role conflict*) ocorre quando um indivíduo, apesar de interessado na finalidade do seu papel, não tem a atitude, a motivação, o tempo suficiente, ou não apresenta uma satisfatória compreensão do seu papel de modo a atingir o objetivo (Carron et al., 2005). Kahn et al. (1964) identificou quatro tipos de conflito de papéis relacionados com o exercício da pressão por um ou mais indivíduos noutra pessoa.

1. Conflito intrapessoal (*intrasender conflict*) – o indivíduo depara-se com inconsistências nas expectativas de uma terceira pessoa em relação ao papel que este lhe pede para desempenhar (no desporto, e.g., um treinador pode pedir a um jogador para jogar de forma mais agressiva, mas sem cometer faltas).
2. Conflito interpessoal (*intersender conflict*) - o indivíduo depara-se com inconsistências nas expectativas de dois ou mais companheiros no que diz respeito ao papel que deve desempenhar (e.g., no futebol, um companheiro solicitar que jogue mais encostado à linha defensiva, e outro companheiro solicitar a sua presença numa zona mais ofensiva).
3. Conflito pessoa-papel (*person-role conflict*) – o indivíduo está em desacordo com o papel que uma pessoa lhe quer atribuir, pois o papel requer comportamentos contrários aos valores do indivíduo (e.g., quando um treinador solicita à sua equipa para jogar duro com o adversário, enquanto toda a equipa adere aos valores do *fair-play*).
4. Conflito interpapéis (*interrole conflict*) – o indivíduo depara-se com discrepâncias entre as expectativas e os requisitos para os diferentes papéis que desempenha (e.g., ter uma carreira de alto nível e ser pai).

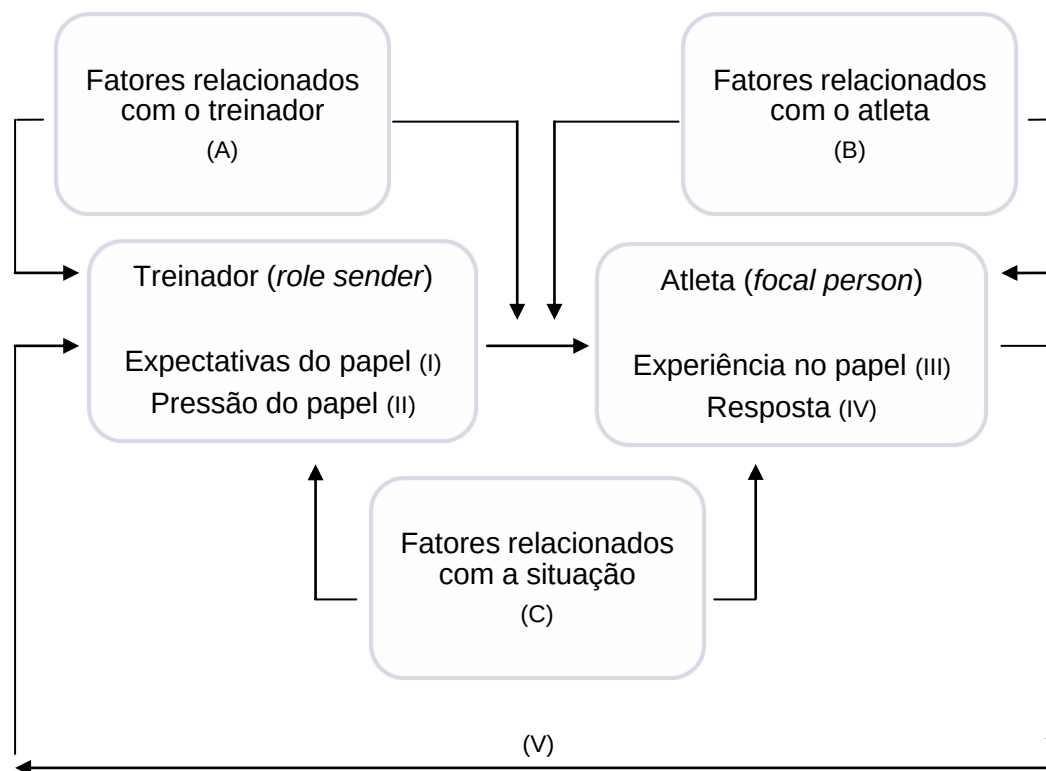
2. Conceito Ambiguidade de Papel

A ambiguidade do papel designa uma falta de compreensão das expectativas e responsabilidades associadas a uma posição particular (Kanh et al., 1964). Este conceito é utilizado na literatura da psicologia social para o estudo das diferentes percepções dos indivíduos sobre a clareza dos papéis que ocupam nas organizações humanas (uma baixa ambiguidade corresponde a uma forte clareza do papel). Embora os conceitos acima descritos serem frequentemente considerados um dictômico ou bipolares, a ambiguidade é compreendida através de uma abordagem multidimensional que lhe confere um lugar central no que diz respeito aos conceitos do papel. Na verdade, apenas a ambiguidade pode abordar conceitos como a definição de papel, através de responsabilidades individuais e comportamentos esperados, avaliações e consequências para o indivíduo. Ainda, a ambiguidade é apresentada como uma das principais características de situações interpessoais em que o indivíduo deverá atender a expectativas de um terceiro, em condições rápidas e constantes de mudança (Kahn et al., 1964). No contexto do desporto, os jogadores devem estar de acordo com as expectativas do treinador, em situações de mudança relacionadas com as múltiplas interações entre companheiros e adversários. Uma vez que os papéis são trabalhados durante as interações entre os indivíduos, o estudo da ambiguidade descreve as relações sociais entre dois ou mais indivíduos. Kanh et al. (1964) especificaram essas relações dentro do modelo do episódio do papel.

2.1. Quadro Teórico das Responsabilidades do Papel

Inspirados no modelo do episódio do papel (Kanh et al., 1964) Eys et al. (2005) propuseram um quadro teórico dos fatores influenciadores na transmissão e receção das responsabilidades do papel (ver figura 3).

Figura 3. Quadro teórico dos fatores influenciadores na transmissão e recepção das responsabilidades do papel (Eys et al., 2005) no contexto desportivo



Os autores concluíram que o treinador e o atleta interagem através de uma sequência de cinco eventos. (I) O treinador desenvolve expectativas em relação ao atleta e (II) exerce uma pressão sobre o mesmo através da sua comunicação, de forma a obter uma resposta. (III) O atleta recebe essa pressão, sente as expectativas e depois (IV) responde de diversas maneiras: comportamentos (submissão, rejeição), cognições (crenças de eficácia), e/ou emoções (ansiedade, insatisfação). (V) A resposta do atleta é percebida e interpretada pelo treinador que, por sua vez, mantém ou modifica a pressão sobre o papel do atleta. Este quadro faz ainda referência a três categorias de fatores que influenciam o grau de compreensão do papel por parte do atleta (ambiguidade do papel): fatores relacionados com o (A) treinador, o (B) atleta e a (C) situação.

2.1.1. Fatores relacionados com o Treinador (A)

Estes fatores designam “as fontes de ambiguidade do papel dos atletas que podem ser atribuídas diretamente, ou sob o controlo direto do remetente do papel (treinador)” (Eys, et al., 2005, p.386). Estes fatores encontram-se relacionados com a

quantidade e qualidade das comunicações efetuadas pelo treinador. Como postulado no modelo teórico de Kahn et al. (1964), a comunicação entre o remetente (treinador) e o recetor (atleta) aparece como fator principal para a ambiguidade de papel. Alguns atletas também consideram o conhecimento limitado por parte de alguns treinadores, como uma importante causa dessa ambiguidade.

2.1.2. Fatores relacionados com o Atleta (B)

Estes fatores designam *“as fontes de ambiguidade do papel que podem ser atribuídas a, ou sob o controlo direto, da pessoa que recebe o papel (ou seja, os atletas)”* (Eys et al., 2005, p.387). Embora os atletas atribuam, a estes fatores, poucos casos de ambiguidade – fator menos relevante no estudo de Eys et al. (2005) – a literatura refere determinantes individuais, como: a experiência anterior, o género, a necessidade de clareza dos papéis, o conflito de papéis; e as consequências cognitivas, como: a eficácia do papel; emocionais, como: a tensão, a ansiedade, a satisfação; ou habilidades comportamentais, como: a intenção de continuar ou abandonar o desporto, o desempenho do papel.

2.1.3. Fatores relacionados com a Situação (C)

Estes fatores referem-se *“às fontes de ambiguidade do papel que não são diretamente controladas pelo destinatário do papel, nem pelo remetente do papel”* (Eys et al., 2005, p.387). E são apresentados pelos atletas como a segunda fonte de ambiguidade dos seus papéis (Eys et al., 2005). O tipo de tarefa, o tamanho do grupo, o tempo e a temporada constituem variáveis integrantes desta categoria. Mas como numa equipa desportiva a dinâmica implantada não pode ser reduzida a um simples elemento situacional. Os grupos desenvolvem voluntariamente uma estrutura, produzindo fenómenos coletivos para o alcance de objetivos específicos. Desta forma, numa quarta categoria, distingue-se os fatores situacionais dos fatores grupais.

2.1.4. Fatores Grupais

Variados estudos têm apontado para diferenças de perceção de ambiguidade de papel, dependendo do estado do atleta (Beauchamp & Bray, 2001; Beauchamp et al., 2005). Distinguindo titulares, suplentes e parceiros de treino (treina com a equipa,

mas não participa na competição), independentemente do desporto praticado, a análise estatística revela que o *status* do jogador influencia a percepção de ambiguidade do papel. Os titulares apresentam uma maior clareza do papel, do que os suplentes ou os parceiros de treino (Beauchamp & Bray, 2001). A comunicação interna da equipa também está associada à percepção de ambiguidade de papel. A ambiguidade do papel produz um efeito negativo sobre o funcionamento do grupo, principalmente sobre a coesão operacional (Eys & Carron, 2001). Finalmente, em termos das consequências coletivas da ambiguidade do papel, apenas o desempenho tem sido estudado nas organizações (Abramis, 1994; fis-Cheap & Gitelson, 1983; Jackson & Schuler, 1985; Kahn et al., 1964; *cit.* por Bosselut, Heuzé & Eys, 2009). Os autores observaram uma diminuição do desempenho coletivo nos membros do grupo com percepção de ambiguidade.

2.2. Abordagem Multidimensional da Ambiguidade de Papel

Se nos primeiros estudos de ambiguidade de papel foi considerada a noção de unidimensional (Grand & Carron, 1982; Rizzo, House & Lirtzman, 1970; Bosselut, 2008, p.19), posteriormente concepções bipolares surgiram entre (a) papéis formais e informais (Mabry & Barnes, 1980; Bosselut, 2008, p.19), (b) causas internas e externas (Rhoads, Singh & Goodell, 1994; Singh, 1993; *cit.* por Bosselut, 2008, p.19) e (c) características objetivas e subjetivas (Beehr, 1995; Driscoll, 1981; Kahn et al., 1964; *cit.* por Bosselut, 2008, p.19) da ambiguidade.

A distinção entre ambiguidade formal e informal abrange a distinção entre papel formal e informal. Fornece informações sobre o tipo de papel percebido pelo indivíduo como sendo ambíguo. O contraste entre a ambiguidade interna e externa informa sobre a origem da ambiguidade, se é interna – entre dois membros do mesmo grupo, por exemplo um desentendimento entre treinador e atleta sobre o papel que o último deve desempenhar; ou externa – entre um membro e um indivíduo externo ao grupo, por exemplo um pai pedir ao seu filho/atleta determinadas características no seu papel que nada têm em comum com o papel pedido pelo treinador; ao grupo. Por último, a distinção entre ambiguidade objetiva e subjetiva, que esclarece a origem da ambiguidade. Como resultado de fatores físicos e/ou alterações ambientais no grupo (ambiguidade objetiva) ou percepções individuais (ambiguidade subjetiva) (Eys & Carron, 2001).

No entanto, estas diferentes concepções de ambiguidade não têm sido estudadas na literatura. Na realidade, as investigações que privilegiam a ambiguidade relacionada com o papel formal, subjetivo e interno, foram associadas a uma

abordagem multidimensional. Kahn et al. (1964) propôs um modelo conceptual que focaliza possíveis manifestações de ambiguidade de papel e distingue duas dimensões principais, uma das quais subdividida em três fatores. A primeira dimensão, ambiguidade operacional, designa um tipo de ambiguidade relacionada com “*a falta de informação relativa à definição adequada de trabalho, seus objetivos e métodos para alcança-los*” (p.94). Pode assumir três diferentes formas: (I) a extensão das responsabilidades caracteriza a falta de informações claras sobre a magnitude das responsabilidades a assumir; (II) os comportamentos de papel refletem a falta de informações claras sobre os comportamentos associados a esse papel; (III) a hierarquização das responsabilidades designa a falta de informações claras sobre as prioridades estabelecidas para assumir múltiplas responsabilidades.

Esta última forma de ambiguidade não foi inserida por Eys e Carron (2001) na sua adaptação ao modelo de Kahn et al. (1964) no desporto. Neste contexto, Eys e Carron (2001) sugeriram mesmo que esta forma de ambiguidade é rara. Estes autores preferiram então substituir esta dimensão pela, falta de informações claras sobre os critérios para avaliar as responsabilidades do papel: a avaliação do papel. A segunda principal dimensão, ambiguidade sócio-emocional, surge quando um individuo não conhece bem as consequências psicológicas e/ou sociais, que ele sofreria se não desempenhasse bem as responsabilidades do seu papel. Eys e Carron (2001) designaram esta dimensão como “consequências do papel” e definiram-na como a falta de informações claras sobre as consequências do incumprimento das suas obrigações e/ou responsabilidades.

Outros autores (Rhoads et al., 1994; Singh, 1993; Bosselut, 2008, p.22) também defenderam uma abordagem multidimensional para a ambiguidade centrada nos contextos em que ocorre. Segundo estes autores, o contexto situacional influencia as perceções individuais sobre os papéis; a ambiguidade percebida pode ser específica para um determinado contexto. De acordo com essa lógica, Beauchamp e Bray (2001) identificaram dois grandes contextos comportamentais em que os membros das equipas desportivas exercem as responsabilidades associadas ao papel formal: ataque e defesa. Ao medir a ambiguidade de papel, Eys e Carron (2001) acrescentaram oito novos contextos identificando as responsabilidades dos atletas na (a) liderança, (b) organização das funções dos companheiros, (c) na motivação dos companheiros, (d) na comunicação entre equipa, e (e) equipa e equipa técnica, (f) para exercer autoridade na equipa, (g) aconselhar companheiros e (h) as responsabilidades associadas ao *status* (titular ou suplente).

Beauchamp et al. (2002) salientaram que a importância destas duas abordagens no contexto desportivo, não era exclusiva, mas sim, complementar. Os

autores desenvolveram uma conceptualização da ambiguidade do papel integrando os dois modelos anteriores e aplicando papéis formais definidos no seio das equipas desportivas. Depois deste estudo (Beauchamp et al., 2002) a ambiguidade do papel é apresentada como um conceito multidimensional que se baseia em quatro manifestações (estudo das responsabilidades, comportamentos do papel, avaliação do papel, consequências do papel), em dois contextos principais (ofensivo e defensivo).

2.3. Avaliação da Ambiguidade de Papel

Com base no modelo conceptual adaptado ao contexto, Beauchamp et al. (2002) desenvolveram um questionário com o propósito de avaliar a ambiguidade de papel nas equipas desportivas (RAS). Para a construção do questionário os autores elaboraram diferentes itens que avaliassem as diferentes manifestações da ambiguidade em cada uma das 8 dimensões (ou seja, dois contextos: ofensivo e defensivo e quatro dimensões). Assim, a validade do instrumento foi testada através de dois processos: 1) Em primeiro lugar a formulação dos itens e o conteúdo foram analisados por quatro treinadores e quinze atletas de diferentes níveis (elite e amadores). As respostas dos participantes permitiram reformular os itens considerados ambíguos e excluir aqueles que não eram relevantes para esta população; 2) Em segundo lugar, os itens foram revistos por cinco investigadores da área da dinâmica de grupos para verificar a adequação de cada item à sua dimensão e retirar/substituir todas as expressões consideradas redundantes ou que tivessem uma terminologia complexa para a população em questão. A escala de ambiguidade de papel ficou então constituída por 40 itens que avaliam quatro manifestações/dimensões da ambiguidade no contexto ofensivo e defensivo. Sendo elas:

- 1) Âmbito das responsabilidades (ofensivas e defensivas; 2 x 5 itens);
- 2) Comportamentos relacionados com o papel (ofensivo e defensivo; 2 x 5 itens);
- 3) Avaliação do papel (ofensivo e defensivo; 2 x 5 itens);
- 4) Consequências relacionadas com o papel (ofensivo e defensivo; 2 x 5 itens);

Cada item apresenta uma escala de *Likert* de 1 (“discordo totalmente”) a 9 (“concordo totalmente”) pontos. Quatro itens são invertidos para que pontuações altas refletissem uma baixa ambiguidade (i.e. uma clareza de papel elevada). A validade de construto do instrumento foi testada através de duas análises fatoriais confirmatórias

(AFC), ou seja, uma para cada contexto, realizadas por 271 atletas masculinos de rugby (idade: 15.38 ± 1.56 anos). Os autores obtiveram *alphas* entre os 0,83 e 0,90). As AFC confirmam a existência de quatro dimensões nos dois contextos (Beauchamp et al., 2002). Mais tarde, Karamousalidis, Bebetos, Laparidis e Theodorakis (2007) traduzem a *Role Ambiguity Scale (RAS)* para a língua grega e testam o seu uso em 409 atletas gregos distribuídos por várias modalidades (basquetebol, voleibol, andebol e futebol). Obtiveram bons resultados na consistência interna (valores entre 0,76 e 0,86) e realizaram duas análises fatoriais exploratórias (AFE) e duas AFC nas quais obtiveram a confirmação da estrutura fatorial composta por quatro fatores presentes no modelo original (Beauchamp et al., 2002).

Para além do desenvolvimento e validação do questionário, Beauchamp et al. (2002) propuseram um protocolo constituído por três etapas, como precaução metodológica para que os atletas apenas e só se concentrassem nos seus papéis ofensivos e defensivos. A primeira parte consistia na descrição do seu papel por parte do atleta, segundo uma definição dada pelos autores do estudo, a seguir era pedido aos participantes que especificassem as suas tarefas ofensivas e defensivas e, finalmente cada atleta teria de indicar o seu grau de confiança na sua capacidade de cumprir com sucesso as suas tarefas. Em 2008, Bosselut, traduz a *Role Ambiguity Scale* para a língua francesa e faz a validação preliminar da mesma com uma amostra de 888 atletas de várias modalidades, contudo através da análise fatorial exploratória vê-se obrigado a eliminar 4 itens correspondentes aos itens que estão na forma negativa por falta de robustez. Barnette (2000) afirma que os itens que estão na forma negativa constituem um dos maiores fatores que afeta negativamente a consistência interna e a validade dos valores obtidos. Bosselut (2008) realizou ainda uma análise fatorial confirmatória que confirmou a existência de quatro fatores, porém análises complementares de Bosselut (2008) mostraram que uma solução de três fatores promove uma melhor mensuração da ambiguidade de papel do que com quatro fatores como na versão original (Beauchamp, et al., 2002). O autor deixa uma questão por ser respondida: o facto dos três fatores fornecerem uma melhor medida para a ambiguidade de papel é uma questão cultural ou um problema do questionário.

2.4. Trabalhos realizados no âmbito da Ambiguidade de Papel

A tabela 1, apresenta resumidamente dezassete estudos sobre ambiguidade de papel no contexto desportivo realizados ao longo dos anos.

Tabela 1.

Apresentação resumida de estudos da Ambiguidade do Papel no contexto desportivo

Autores/Ano	Objetivo do estudo	Amostra	Principais resultados	Limitações/Comentários
Beauchamp & Bray (2001)	Estudar a relação entre ambiguidade de papel, eficácia do papel e conflito do papel	261 Praticantes de desportos coletivos, nível universitário, género masculino e feminino.	Uma forte ambiguidade do papel está relacionada com uma baixa eficácia do papel. A ambiguidade do papel é um mediador da negativa relação entre o conflito e a eficácia do papel.	Apenas duas dimensões da ambiguidade do papel foram consideradas (estudo das responsabilidades e comportamentos relacionados com o papel). Estudo transversal.
Beauchamp, Bray, Eys & Carron (2002)	Estudar a relação entre ambiguidade de papel, prestação do papel e eficácia do papel. Validar a escala de ambiguidade de papel.	271 Jogadores de rugby, nível secundário, género masculino.	A ambiguidade do papel é um medidor da relação negativa entre a prestação e a eficácia do papel. Suporte psicométrico para a Escala de ambiguidade.	A população da amostra é muito homogénea. Estudo transversal.
Beauchamp, Bray, Eys & Carron (2003)	Estudo da relação entre a ambiguidade do papel e a ansiedade pré-competitiva (modelo de Martens e al., 1990).	114 Jogadores de hóquei de campo, nível secundário, género masculino e feminino.	Uma forte ambiguidade sobre o âmbito da responsabilidade é associada a um maior estado de ansiedade cognitiva. Uma forte ambiguidade sobre os efeitos relacionados com o papel está associada a um elevado estado de ansiedade somática.	O estudo não considerou a interpretação dos sintomas da ansiedade pré-competitiva (facilitando ou debilitando). Estudo longitudinal.

Autores/Ano	Objetivo do estudo	Amostra	Principais resultados	Limitações/Comentários
Beauchamp & Bray, Eys & Carron (2005)	Estudar a relação entre a liderança (modelo de Chelladurai et al., 1990) e a ambiguidade do papel.	159 Praticantes de desportos coletivos, nível universitário, género masculino e feminino.	Uma baixa perceção da frequência de instruções técnicas e táticas do treinador está associada a uma forte perceção da ambiguidade do papel.	A liderança é considerada através da frequência de comportamentos do treinador percebidos pelo jogador, o que não é relevante. Estudo transversal.
Beauchamp, Bray, Fielding & Eys (2005)	Estudar a relação entre ambiguidade de papel e eficácia do papel, com uma análise de multinível.	277 Jogadores de rugby, nível secundário, género masculino e feminino.	Fortes perceções de ambiguidade de papel a nível individual e coletivo estão relacionadas com baixas perceções da eficácia do papel a nível individual e coletivo.	A população da amostra é homogénea. Apenas o âmbito das responsabilidades é tido em conta. Estudo transversal.
Bray, Beauchamp, Eys & Carron (2005)	Estudo do efeito da medição da necessidade de clareza na relação entre a ambiguidade do papel e a satisfação dos atletas (modelo de Chelladurai & Riemer, 1997).	112 Jogadores de hóquei no gelo, nível nacional, género masculino.	Uma forte perceção de ambiguidade do papel está relacionada a uma baixa satisfação dos atletas, em indivíduos com uma forte necessidade de clareza.	Apenas o âmbito das responsabilidades do contexto ofensivo é tido em conta. Amostra composta exclusivamente por homens. Estudo transversal.

Autores/Ano	Objetivo do estudo	Amostra	Principais resultados	Limitações/Comentários
Bray & Brawley (2002)	Estudar o efeito de moderação da clareza do papel, segundo a relação entre eficácia do papel e a prestação do papel.	140 Jogadores de basquetebol, nível secundário, género masculino e feminino.	A clareza do papel desempenha um papel moderador na relação positiva entre eficácia e prestação do papel. Baixa clareza de papel, a eficácia do papel não se relaciona com a prestação do papel.	Estudo longitudinal.
Cunningham & Eys (2007)	Estudar a relação entre a comunicação intraequipa (modelo de Sullivan & Feltz, 2003) e a ambiguidade de papel.	116 Praticantes de desportos coletivos, nível secundário, género masculino e feminino.	Uma forte percepção da dimensão da aceitação está relacionada com uma baixa percepção de ambiguidade de papel.	É possível considerar a influência de outras variáveis (como, estado de coesão) na relação entre a comunicação e a ambiguidade do papel. Estudo transversal.
Bebetsos, Theodorakis & Nikolaos (2007)	Estudar a relação entre a ambiguidade de papel e a satisfação dos atletas.	169 Jogadores de andebol, género masculino e feminino.	Os resultados apresentados indicaram que a ambiguidade de papel está associada com a satisfação dos atletas.	Falta de informações sobre os papéis defensivos, respostas dos atletas sobre as suas funções defensivas não foram incluídas no estudo. Amostra composta por atletas experientes e apenas por atletas de andebol.

Autores/Ano	Objetivo do estudo	Amostra	Principais resultados	Limitações/Comentários
Eys & Carron (2001)	Estudo da relação entre a ambiguidade do papel, coesão operatória (modelo de Carron, Widmeyer & Brawley, 1985) e a autoeficácia (Bandura, 1997) no desporto.	79 Jogadores de basquetebol, nível universitário, género masculino e feminino.	Forte percepção da ambiguidade do papel está associada a uma baixa percepção de coesão operatória e autoeficácia no contexto desportivo.	As expressões de ambiguidade são analisadas sem especificar um contexto particular. Estudo transversal.
Eys, Carron, Beauchamp & Bray (2003)	Estudar as características da ambiguidade de papel no seio de equipas desportivas.	506 Praticantes de hóquei de campo, rugby e futebol, nível secundário e universitário, género masculino e feminino.	A percepção de ambiguidade do papel diminui ao longo da temporada. Os atletas mais velhos têm uma menor percepção de ambiguidade de papel que os jovens atletas.	Outras formas de associação podem ser consideradas (titulares vs suplentes). Estudo longitudinal.
Eys, Carron, Beauchamp & Bray (2005)	Estudo das fontes da ambiguidade do papel.	151 Praticantes de desportos coletivos, nível não específico, género masculino e feminino.	Três fontes de ambiguidade em destaque, ordem de importância: treinador, atleta e situação.	O estudo fornece um quadro de análise das potenciais fontes da ambiguidade do papel. Estudo qualitativo.

Autores/Ano	Objetivo do estudo	Amostra	Principais resultados	Limitações/Comentários
Eys, Carron, Bray & Beauchamp (2003)	Estudo da relação entre a ambiguidade do papel e a satisfação do atleta (modelo de Chelladurai & Riemer, 1997).	101 Jogadores de futebol, nível universitário, género masculino e feminino.	Uma forte percepção da ambiguidade do papel (estudo das responsabilidades em contexto ofensivo) está associada a uma baixa satisfação do atleta perante o trabalho do treinador.	Análise transversal e análise longitudinal da relação. Estudo somente suportado da análise transversal.
Eys, Carron, Bray & Beauchamp (2005)	Estudar a relação entre a ambiguidade do papel e a intenção de abandono futuro.	58 Jogadores de futebol, nível regional, género masculino e feminino.	Uma forte percepção da ambiguidade do papel está associada a uma baixa intenção de continuar a praticar desporto na mesma equipa.	Apenas a intenção de desistir foi contabilizada, não foi considerado o comportamento real de abandono. Estudo transversal.
Grande, E. & Borrego, C. (2011)	Estudo comparativo da ambiguidade de papel e ansiedade-estado entre os escalões júnior e juvenil.	286 Jogadores de futebol, nível nacional, género masculino.	Verificou-se que a ambiguidade de papel está positiva e fortemente correlacionada com a ansiedade-estado. Quanto mais altos forem os níveis de ambiguidade, maiores serão os níveis de ansiedade-estado. O escalão apenas mostra influências na ambiguidade.	Principal limitação a generalização de resultados, pois pensamos que estes não poderão ser generalizados a outro tipo de populações, devido à pouca diversidade da amostra.

Autores/Ano	Objetivo do estudo	Amostra	Principais resultados	Limitações/Comentários
Karamousalidis, G., Bebetsos, E., Laparidis, K. & Theodorakis (2007)	Ambiguidade de papel, nas responsabilidades defensivas e ofensivas em atletas de equipas gregas, verificando a sua validade e confiabilidade.	409 atletas, de basquetebol, voleibol, andebol e futebol.	Confirmou-se a confiabilidade e a validade estrutural do questionário ambiguidade de papel.	Pesquisas futuras devem replicar o estudo, tendo em conta diferenças entre escalões.
Mellalieu & Juniper (2006)	Explorar a adaptação do modelo do episódio do papel no contexto do desporto.	11 Jogadores de futebol, nível universitário, género masculino.	A clareza do papel desenvolve-se através da aprendizagem, da experiência e das instruções do treinador. Perceções positivas do papel parecem melhorar o desempenho através de variáveis individuais (satisfação) e coletivas (coesão, eficácia coletiva).	Amostra pequena e homogénea. Estudo qualitativo.

3. Satisfação

A satisfação no trabalho tem sido uma área interessante e importante de estudo para os investigadores. Também na área da psicologia do desporto, a satisfação com a experiência desportiva por parte do atleta tem sido alvo de pesquisa. O crescente interesse sobre este constructo associado ao facto de muitos treinadores considerarem intuitivamente que existe uma relação entre o desempenho e a satisfação, uma vez que a participação desportiva é em última instância voluntária (Huizinga, 1951; *cit.* por Borrego, Leitão, Alves, Silva & Palmi, 2010). Um atleta satisfeito parece, assim, ser um requisito para um desempenho de alto nível. Outro fator de interesse é que a satisfação dos atletas pode ser um meio para medir a eficiência de um programa de treino.

3.1. Satisfação do Atleta

A satisfação do atleta tem sido definida como *“um estado afetivo positivo resultante de um processo complexo de avaliação de estruturas, processos, e resultados associados à experiência desportiva”* (Riemer & Chelladurai 1998, p.135). Esta avaliação é realizada com base na diferença entre o que é pretendido, e a percepção do que é alcançado nos domínios físico, psicológico e do envolvimento (Alves, 2000; *cit.* por Borrego et al., 2010). O estado afetivo é influenciado por *“atribuições associadas com os resultados, assim como pelas realidades sociais construídas resultantes da observação daqueles que pertencem ao envolvimento”* (Chelladurai & Riemer 1997, p.135). Desta forma, o conceito de satisfação é traduzido pelo encontro ou não, das experiências dos indivíduos com os seus padrões de exigência. Quanto menor a disparidade entre estes dois, maior será a satisfação com a experiência desportiva. Os padrões de exigência são baseados no que o atleta quer, acha que tem direito, o que os outros têm e conseguem, experiências anteriores e ou expectativas presentes.

Embora a construção da satisfação do atleta tenha sido do interesse dos pesquisadores, poucos estudos têm abordado os padrões e processos subjacentes que determinam se um atleta percebe a sua experiência como satisfatória ou insatisfatória (Riemer & Chelladurai, 1998). A percepção individual de cada atleta em relação à sua satisfação representa uma característica importante no desporto. Riemer e Chelladurai (1998) apontaram várias razões que fundamentaram esta afirmação: em primeiro lugar, satisfação individual e desempenho devem estar naturalmente ligados. Por exemplo, de um atleta mais satisfeito espera-se um maior esforço e persistência no decorrer da competição; Em segundo, o envolvimento do atleta é fundamental para

os programas desportivos, deste modo, a satisfação do atleta tem implicações teóricas e práticas; Em terceiro, a satisfação do atleta está relacionada e/ou incluída como um antecedente ou um resultado nos quadros conceituais de outras construções, como a coesão e a liderança; Finalmente, a satisfação do atleta (assim como o desempenho individual) foi teorizada, e apresentada pelo corpo substancial de pesquisas realizadas por Chelladurai, como uma das principais consequências dos comportamentos específicos de *coaching* (Chelladurai, 1993, *cit.* por Eys et al., 2003). Em pesquisas anteriores sobre a satisfação do atleta, Riemer e Chelladurai (1998) sugeriram que as definições operacionais de satisfação utilizadas anteriormente eram questionáveis do ponto de vista da validade. Para superar essa limitação, Chelladurai e Riemer (1997) desenvolveram um modelo conceptual e uma definição operacional, que conduziu ao desenvolvimento do Questionário de Satisfação do Atleta (ASQ). Este questionário contém 15 potenciais manifestações de satisfação que se agrupam dentro de um dos cinco temas principais: a satisfação relacionada com a performance (ex, desempenho pessoal), liderança (ex, utilização de capacidades/habilidades), a equipa (ex, integração do grupo), a organização (ex, o orçamento) e o envolvimento do indivíduo no contexto (ex, dedicação pessoal).

A satisfação do atleta é um importante instrumento para a avaliação organizacional de uma equipa, uma vez que o nível de satisfação é um indicador dos sentimentos do atleta em relação ao ambiente da equipa. O nível de satisfação do atleta pode ainda influenciar outros aspetos do ambiente desportivo (Chelladurai, 1984; *cit.* por Júnior, Vieira, Souza & Vieira, 2011). A satisfação do atleta tem sido ainda relacionada a variáveis como a liderança, a motivação e o stress (Eys et al., 2003). De acordo com Chelladurai e Riemer (1997) é *“imperativo que a avaliação de um programa desportivo seja baseada na satisfação do atleta conjuntamente com medidas de desempenho como por exemplo classificações por vitórias versus derrotas”*. Assim, as medidas de desempenho no desporto são muitas vezes contaminadas por fatores como a sorte, desempenho extraordinário do oponente ou um erro do árbitro ou juiz. Por outro lado, as atividades desenvolvidas no processo de treino não podem somente ser julgadas por medidas de vitória-derrota. Por último, os modelos de medida vitória derrota atuam apenas nos momentos de competição, quando as experiências desportivas envolvem um período de treino muito superior ao período de competição.

A satisfação do atleta tem sido nomeada por vários investigadores na psicologia do desporto, que têm incluído a satisfação do atleta como uma variável antecedente ou de produto no seu trabalho conceptual. Por exemplo, o modelo conceptual de liderança (Chelladurai, 1999; *cit. por* Borrego et. al, 2010) inclui a satisfação como uma variável de produto tal como a performance/ desempenho. Também Carron (1988) no seu modelo conceptual de coesão considera a satisfação do atleta, como uma variável antecedente (fatores pessoais) e como uma variável de produto (resultados individuais). As investigações realizadas com base no modelo conceptual de liderança e no modelo conceptual de coesão, têm dedicado espaço às dinâmicas que se estabelecem com a satisfação do atleta. No entanto e de acordo com Chelladurai e Riemer (1997), a satisfação do atleta não tem sido considerada como multidimensional, sendo avaliada apenas com um item, por exemplo a satisfação do atleta com o comportamento do treinador (Baker, Yardley & Côté, 2003; *cit. por* Borrego et al., 2010). No entanto também existem investigações que consideram a satisfação como multidimensional (Carron, 2003; Alfermann & Wurth, 2004; *cit. por* Borrego & Alves, 2006).

A satisfação do atleta é também acedida através de escalas de satisfação de Weiss e Friedrichs, e Chelladurai et al. (1986; 1988, *cit. por* Riemer & Chelladurai, 1998), que derivam de técnicas de análise fatorial não havendo todo um processo de investigação conceptual de sustentação. Para classificar os fatores mais relevantes para o estudo da satisfação dos atletas em relação ao seu universo desportivo, Chelladurai e Riemer (1997), com base num exercício conceptual, apresentam três critérios: a) Resultado (vitória, desempenho absoluto, integração na equipa) *versus* Processo; b) Equipa *versus* Indivíduo; c) Tarefa *versus* Social (alguns resultados e processos são relacionados com a tarefa e outros são de natureza mais social).

Nas experiências desportivas os processos conduzem a resultados, que por sua vez, levam à satisfação. Os processos, isoladamente conduzem à satisfação. Tanto os processos como os resultados, podem ser associados ao indivíduo ou à equipa, e estes podem ser orientados para a tarefa ou para o social. As relações que se estabelecem entre os processos e os resultados são moderados por: a) Perdas no processo, inerentes ao contexto; b) Natureza da competição vitória-derrota; c) Tempo de treino consideravelmente superior ao tempo de competição; d) Tradicional indicador de desempenho, vitória, ser contaminado por fatores externos como a sorte e decisões dos juizes. Os critérios apresentados são a base para a classificação das facetas da satisfação do atleta (ver tabela 2).

Tabela 2.

Facetas da Satisfação do Atleta (Clelladurai & Riemer, 1997; Chelladurai, 1999,p.240).

Categoria	Faceta específica	Descrição
PD	Equipa Individual	Desempenho da equipa competição; Desempenho individual.
M	Equipa Individual	Melhoria do desempenho da equipa; Melhoria do desempenho individual.
L	Prática; Habilidade; Seleção de Estratégias; Igualdade tempo de jogo; Igualdade de recompensas e ética; Lealdade com os atletas; Atitudes perante vitória.	Métodos e organização de treino; Utilização com eficiência e eficácia das habilidades de todos os atletas; Escolha das estratégias apropriadas; Igualdade de reconhecimento e recompensas entre todos os atletas; Lealdade e suporte do treinador; Atitude positiva e equilibrada na vitória.
CE	Tarefa Social	Contribuir e facilitar a aprendizagem das tarefas e o desempenho; Interações na equipa são calorosas, amigáveis e coesas.
SA		Assistência proporcionada pelos treinadores e dirigentes.
A	Instalações e equipamento Bolsas Escolares Orçamento	Qualidade e disponibilidade de instalações e equipamentos para treinos e competição; Orçamento atribuído à equipa.
AC		Apoio dos meios de comunicação, comunidade.

Nota: PD= Performance e Desempenho; M= Melhoria; L= Liderança; CE= Colegas de equipa; SA= Staff de Apoio; A= Administração e AC= Apoio da Comunidade.

3.2. Avaliação da Satisfação

O *Athlete Satisfaction Questionnaire* (ASQ) é um instrumento desenvolvido por Riemer e Chelladurai (1998), para avaliar a satisfação dos atletas com a sua experiência desportiva, constituído por 15 dimensões. A versão portuguesa do Questionário de Satisfação do Atleta (QSA) foi realizada por Borrego e Alves (2006), sendo constituído por 53 itens, agrupados em 14 dimensões: a) Prestação/desempenho Individual (itens 6, 22, 39); b) Prestação de Equipa (itens 13, 28, 37); c) Utilização da Habilidade (itens 7, 24, 36, 46, 51); d) Estratégia (itens 3, 27, 29, 43, 50, 53); e) Tratamento Pessoal (itens 12, 20, 40, 44, 52), f) Treino e Instrução (itens 14, 23, 33); g) Contribuição da Equipa para a Tarefa (itens 9, 21, 34); h) Contribuição da Equipa para o Social (itens 2, 25, 35); i) Ética (itens 8, 16, 31); j) Integração da Equipa (itens 1, 18, 32, 47); k) Dedicção Pessoal (itens 5, 15, 30, 45); l) Orçamento (itens 10, 17, 38); m) Pessoal Médico (itens 4, 19, 41, 49); e n) Agentes externos (itens 11, 26, 42, 48). A dimensão ‘Serviços Académicos de Suporte’ foi eliminada na etapa de adaptação e tradução (Borrego & Alves, 2006), por se não se considerar adequada ao contexto desportivo de Portugal. Os atletas respondem a cada item optando por alternativa, numa escala de sete pontos, “Nada satisfeito” (1) a “Extremamente Satisfeito” (7), com ‘Modernamente Satisfeito’ (4) como valor médio. Os valores de cada dimensão são calculados pelo somatório dos valores atribuídos em cada item dividido pelo número de itens que constituem cada dimensão. Não existe uma satisfação geral.

4. A relação entre a Ambiguidade de Papel e a Satisfação do atleta

Como referido anteriormente, ambiguidade de papel define-se como a falta de informação clara e consistente que está associada a uma posição específica (Kahn et. al, 1964), e a satisfação do atleta como *“um estado afetivo positivo resultante de uma avaliação complexa das estruturas, processos e resultados associados à experiência do atleta”* (Chelladurai & Riemer, 1997).

Embora haja uma clara lacuna nas pesquisas sobre a ambiguidade de papel e a satisfação do atleta, um considerável corpo de pesquisa examinou a relação entre estas variáveis em psicologia industrial e organizacional. Variados estudos têm identificado a relação negativa entre ambiguidade de papel e a satisfação (Abramis, 1994; Fisher & Gitelson, 1983; Horne & Carron, 1985; *cit.* por Bebetos, Theodorakis, & Tsigilis, 2007). Uma meta-análise de Jackson e Schuler (1985, *cit.* por Eys et al.,

2003) apresenta as percepções de ambiguidade de papel negativamente associadas aos múltiplos aspetos de satisfação de um trabalhador (ex, satisfação com o trabalho, salário e supervisão). De facto, Jackson e Schuler (1985, *cit.* por Eys et al., 2003) concluíram que a satisfação foi a variável mais frequentemente considerada (representando mais de 50% dos estudos), quando os pesquisadores exploram as consequências da ambiguidade de papel.

No contexto desportivo, as limitadas pesquisas, indicam a relação existente entre níveis baixos de ambiguidade de papel, e níveis elevados de satisfação do atleta (Eys, et al., 2003). Kahn et al. (1964) afirmam teoricamente que a ambiguidade de papel é um antecedente causal da satisfação, juntamente com as importantes implicações da satisfação do atleta identificadas por Chelladurai e Riemer (1998). Bray et al. (2005) constataram a necessidade de clarificar o papel como moderador na relação entre ambiguidade e satisfação do atleta. Bebetsos et al. (2007) apresentam resultados que indicam que a ambiguidade de papel está associada à satisfação do atleta, no estudo realizado a jogadores de andebol de equipas gregas.

Capítulo III – Metodologia

1. Estudo I: Processo de Validação Preliminar da Escala de Ambiguidade de Papel

1.1. Caracterização dos participantes

Participaram no estudo 254 jogadores federados de futebol de onze, do sexo masculino com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos (contexto defensivo: $16,28 \pm 1,11$; contexto ofensivo: $16,25 \pm 1,09$), que corresponde aos escalões Juvenil e Júnior. Após a análise da qualidade dos dados (questionários não respondidos e eliminação dos *outliers*) o nosso N diminui para 236 participantes no contexto defensivo e 233 participantes no contexto ofensivo. A média das horas de treino por semana pouco difere entre os dois contextos: contexto defensivo é de 6,61 horas (DP= 0,92) e contexto ofensivo é de 6,58 horas (DP=0,91). O número de treinos variou entre os três e os cinco em ambos os contextos, o jogo realizado ao fim de semana foi contabilizado como treino, e o número de anos de prática é relativamente alto para ambos os escalões, sendo no contexto defensivo de 7,11 (DP= 2,91) e 7,72 (DP=2,90) para o contexto ofensivo (ver tabela 3).

Tabela 3.

Análise descritiva dos participantes (Defensivo e Ofensivo)

	N	Mín-Máx.	M $\pm$ SD
Defensivo	236		
Idade		14 – 18	16,28 $\pm$ 1,11
Anos de Prática na Modalidade		1 – 13	7,11 $\pm$ 2,91
Horas Treino/Semana		6 – 8	6,61 $\pm$ 0,92
N.º Treinos/Semana		3 – 5	4,30 $\pm$ 0,47
Ofensivo	233		
Idade		14 – 18	16,25 $\pm$ 1,09
Anos de Prática na Modalidade		1 – 13	7,72 $\pm$ 2,90
Horas Treino/Semana		6 – 8	6,58 $\pm$ 0,91
N.º Treinos/Semana		3 – 5	4,29 $\pm$ 0,46

1.2. Instrumentos

A Escala de Ambiguidade de Papel (Beauchamp et al., 2002) é constituída por 40 itens igualmente repartidos por quatro dimensões em dois contextos (ofensivo e defensivo). Os autores definiram que cada contexto tem quatro dimensões, sendo elas: a) extensão das responsabilidades do papel desempenhado, que reflete a falta de clareza de informação acerca das responsabilidades inerentes ao papel (e.g. “Eu compreendo a diversidade das minhas responsabilidades no jogo ofensivo”); b) quais os comportamentos de papel, que representam os comportamentos necessários para o desempenho das responsabilidades inerentes aos papéis (e.g. “Eu compreendo quais os comportamentos que devo realizar para cumprir o meu papel no jogo defensivo”); c) avaliação de papel, representa a falta de compreensão acerca da avaliação do desempenho do papel (e.g. “Eu compreendo os critérios utilizados para avaliar as minhas responsabilidades no jogo ofensivo”); d) consequências do não cumprimento do papel e reflete a falta de esclarecimento sobre as consequências, relativas ao sucesso ou insucesso no desempenho do papel (e.g. “Eu sei claramente o que me acontecerá se eu falhar no desempenho do meu papel no jogo defensivo”). As respostas são avaliadas numa escala de Likert de 1 a 9 em que 1 significa “discordo completamente” e 9 “concordo completamente”.

Os valores da consistência interna da versão original no contexto defensivo variam entre 0,85 (extensão das responsabilidades e consequências de papel) e 0,90 (avaliação de papel), no contexto ofensivo entre 0,79 (extensão das responsabilidades) e 0,90 (avaliação do papel) que são considerados valores adequados (Hill & Hill, 2000).

1.3. Procedimentos

1.3.1. Procedimentos para a tradução

Com base nas sugestões metodológicas de validação transcultural propostas por Vallerand (1989), para a tradução da escala foram necessários quatro professores bilingues que dominavam a Língua Portuguesa/Inglesa/Francesa. Três professores sugeriram três opções de tradução da *Role Ambiguity Scale (RAS)*, e um quarto professor sugeriu uma opção de tradução da *L'Echelle d'Ambiguïté du Role Sans Contexte (EARSC)*. Todas as traduções apresentadas pelos quatro professores bilingues seguiram específicas orientações metodológicas: A tradução de um instrumento de avaliação não é uma simples tarefa de mudar palavras de uma língua para outra, uma vez que os conceitos, termos ou ideias presentes numa determinada

cultura, podem não estar presentes e/ou não terem o mesmo significado noutra diferente. Por isso, torna-se imperativo estabelecer qual o significado (i.e. valor semântico) dos itens do questionário original, para que sejam mantidos na versão traduzida. Em suma, aquilo que se pretende nesta etapa, é que seja feita uma avaliação da 1ª versão traduzida dos instrumentos (realizada pelos próprios investigadores, com o auxílio de 3 especialistas bilingues - Licenciados em Inglês/Francês-Português, com conhecimento de técnicas de tradução), apresentando comentários e/ou sugestões de alteração.

Para tal, sugerimos que tivessem sido levadas em linha de conta as seguintes recomendações: a) As traduções literais não são essenciais e devem ser evitadas; b) Deve-se dar prioridade ao aspeto semântico (i.e. significado) dos itens em detrimento da tradução “à letra”; c) É extremamente importante, útil e necessário conhecer e compreender os modelos teóricos subjacentes aos instrumentos de avaliação; d) É fundamental que se tenha em consideração o contexto específico onde irão ser aplicados e a população alvo. A fase seguinte da tradução consistiu na análise das quatro sugestões por parte de três especialistas bilingues em Psicologia do Desporto e de um treinador. Elaborando de seguida a Escala de Ambiguidade de Papel utilizada neste estudo.

No estudo realizado por Grande e Borrego (2011), os autores realizaram um estudo piloto com vinte atletas, com a mesma idade dos participantes do estudo, a fim de obter um *feedback* acerca da linguagem utilizada e se esta se adequava aos atletas em questão. Como resultado, foram realizadas alterações nos itens 12, 13, 15 e 18 pois, suscitaram algumas dúvidas na compreensão do conteúdo dos itens. Estes itens, inicialmente, foram traduzidos na forma positiva e após as alterações realizadas, ficaram estabelecidos na forma negativa. Desta forma, no nosso estudo decidimos não realizar este passo e colocar estes itens na forma negativa.

Para a validação da Escala de Ambiguidade de Papel, inicialmente, deslocamo-nos, às instituições a fim de nos informarmos acerca dos horários dos treinos dos escalões e ter o primeiro contacto com os treinadores, obtendo assim as devidas autorizações. De seguida combinávamos a data e o horário para a recolha de dados, normalmente esta realizava-se trinta minutos antes do treino, o treinador informava e solicitava previamente aos atletas que nesse dia chegassem um pouco mais cedo. A recolha de dados foi desenvolvida num contexto de treino preferencialmente antes do treino a meio da semana, de modo a que os dados não fossem influenciados pela proximidade da competição ao fim de semana. A sua aplicação desenvolveu-se no balneário de cada equipa, onde todos os jogadores ao mesmo tempo responderam à escala. De referir, que antes dos atletas responderem à escala foram informados que

este era de caráter confidencial, e que não existiam respostas certas ou erradas, apenas tinham de ser sinceros. Foi chamada a atenção para a escala de resposta, de modo a não se enganarem na atribuição conotativa dos números, uma vez que o “1” correspondia ao “concordo absolutamente” e o “9” ao “discordo absolutamente”. Sempre que houvesse dúvidas podiam solicitar ajuda.

1.3.2. Procedimentos estatísticos para a validação preliminar

Para a validação do *Role Ambiguity Scale* foi usado o programa estatístico SPSS 18.0. O número de sujeitos utilizados na validação do questionário respeita o rácio 5:1 (número de sujeitos para cada item do questionário: 5:20 itens =100) valor aceite para a realização de uma análise fatorial exploratória (AFE) (Hill & Hill, 2000). Neste caso, e como o modelo teórico distingue dois contextos (ofensivo e defensivo) serão considerados dois questionários que representam cada um dos contextos como sugerem os autores (Beauchamp & Bray, 2001).

A AFE consiste num método que permite que uma grande quantidade de variáveis seja reduzida a fatores, ou seja, explora as correlações entre os itens do questionário, permite o agrupamento em dimensões e estima o número de fatores que são necessários para explicar os dados (Maroco, 2007). Este método é bastante utilizado quando existem informações sobre os fatores utilizados no modelo teórico. (Leitão, 2002). Segundo Hill e Hill (2002) e Maroco (2007) deverá existir uma correlação forte entre as variáveis, para que a AFE seja viável na estimação de fatores, sendo que a medida da adequação da amostragem de *Kaiser – Meyer – Olkin* (teste KMO) e o teste de esfericidade de *Bartlett* são os mais utilizados porque permitem aferir a qualidade das relações que permitirão, ou não, continuar com a utilização da AFE, pois permitem verificar o grau de ajuste dos dados à AFE. Os autores recomendam que o valor do teste KMO seja superior a 0,6 e que o valor do teste de *Bartlett* seja significativo. Para este trabalho recorreremos ao método de extração das componentes principais, e o método de rotação oblíqua, rotação *Promax*, uma vez que o modelo teórico de base pressupõe que os fatores estão correlacionados entre si (Maroco, 2007). Segundo as indicações de Hill e Hill (2000) os critérios de determinação dos fatores utilizados foram:

- 1) Critério de Kaiser: fatores com valor próprio igual ou superior a 1 (*eigenvalue* ≥ 1.0);
- 2) Peso fatorial dos itens igual ou superior a 0,5 (*fator loadings* $\geq 0,50$);
- 3) Ambiguidade - Inexistência de itens com pesos fatoriais com algum significado (*fator loadings* $> 0,30$) em mais do que um fator. Se isso acontecer e se a diferença entre eles não for significativa (*crossloadings* $\leq 0,15$), o item deve ser eliminado;
- 4) A percentagem de variância explicada pelos fatores deve ser no mínimo de pelo menos 40%;
- 5) A consistência interna do fator deve ser igual ou superior a 0,70 (*Alpha de Cronbach* $\geq 0,70$);
- 6) A consistência interna do fator não deve diminuir se o item for eliminado;
- 7) Apenas devem ser retidos os fatores com pelo menos três itens.

1.4. Apresentação e discussão dos resultados

Como já foi referido anteriormente a análise será realizada em função do contexto defensivo e ofensivo. Desta forma os testes KMO (*Kaiser-Meyer-Olkin*) e o teste de *Bartlett* atestam a adequação da amostragem à análise fatorial exploratória. Os nossos resultados foram considerados muito bons sendo que: KMO (defensivo) = 0,940; teste *Bartlett* $p=0,000$; KMO (ofensivo) = 0,911; Teste *Bartlett* $p=0,000$.. Verificámos uma excelente adequação da amostra e prosseguimos com a validação dos nossos questionários.

Em ambos os contextos, defensivo e ofensivo, de uma forma geral, os atletas não recorreram a todos os níveis de resposta (as respostas variam entre 1 - 9). Verificamos também, que o valor médio das respostas, no contexto defensivo varia entre $2,02 \pm 1,28$ (item 1) e $5,69 \pm 2,93$ (item 18) e no contexto ofensivo varia entre $1,92 \pm 1,12$ (item 1) e $5,73 \pm 2,92$ (item 18) (ver tabelas 4 e 5).

Tabela 4.

Análise descritiva das respostas aos itens da Escala de Ambiguidade de Papel, Contexto Defensivo

Item	Mín.-Max.	M $\pm$ SD	Assimetria	Valor Z	Achatamento	Valor Z
Item 1	1 - 7	2,02 $\pm$ 1,28	1,25	7,89	0,96	3,09
Item 2	1 - 6	2,13 $\pm$ 1,28	0,94	5,93	-0,20	-0,06
Item 3	1 - 7	2,17 $\pm$ 1,29	0,99	6,23	0,40	1,27
Item 4	1 - 6	2,03 $\pm$ 1,24	1,16	7,33	0,63	1,98
Item 5	1 - 6	2,11 $\pm$ 1,21	0,93	5,88	0,01	0,03
Item 6	1 - 6	2,06 $\pm$ 1,25	1,07	6,77	0,20	0,63
Item 7	1 - 8	2,13 $\pm$ 1,32	1,30	8,23	1,77	5,62
Item 8	1 - 7	2,04 $\pm$ 1,28	1,28	8,09	1,06	3,37
Item 9	1 - 6	2,14 $\pm$ 1,31	1,12	7,06	0,53	1,68
Item 10	1 - 6	2,09 $\pm$ 1,20	1,11	7,00	0,51	1,62
Item 11	1 - 8	2,15 $\pm$ 1,34	1,27	8,00	1,52	4,82
Item 12	1 - 9	5,52 $\pm$ 3,04	-0,20	-1,28	-1,59	-5,02
Item 13	1 - 9	5,50 $\pm$ 3,05	-0,24	-1,49	-1,57	-4,97
Item 14	1 - 9	2,29 $\pm$ 1,54	1,73	10,91	4,06	12,86
Item 15	1 - 9	5,50 $\pm$ 3,04	-0,20	-1,28	-1,59	-5,03
Item 16	1 - 8	2,08 $\pm$ 1,31	1,36	8,58	1,90	6,03
Item 17	1 - 9	2,10 $\pm$ 1,28	1,44	9,07	3,06	9,68
Item 18	1 - 9	5,69 $\pm$ 2,93	-0,28	-1,79	-1,50	-4,75
Item 19	1 - 6	2,15 $\pm$ 1,25	0,86	5,42	-0,20	-0,63
Item 20	1 - 9	2,13 $\pm$ 1,59	1,95	12,28	4,44	14,05

Ao analisar a tabela 4 (contexto defensivo) verificamos que os itens 12 (-1,28), 13 (-1,49), 15 (-1,28) e 18 (-1,79) apresentam valores que se situam entre o intervalo de -1,96 e 1,96 ($p < 0,05$) nas medidas de assimetria (*skewness*) e na medida de achatamento (*kurtosis*) os itens 2 (-0,06), 3 (1,27), 5 (0,03), 6 (0,63), 9 (1,68), 10 (1,62) e 19 (-0,63) apresentam todos valores, também eles, dentro do intervalo referido anteriormente. Os restantes itens apresentam uma distribuição assimétrica positiva e leptocúrtica.

Enquanto, no contexto ofensivo (ver tabela 5) verificamos que apenas os itens 12 (-0,98) e 15 (-1,58) nas medidas de assimetria (*skewness*) e o item 6 (0,88) na medida de achatamento (*kurtosis*) apresentam valores que se situam entre os intervalos -1,96 e 1,96 ($p < 0,05$). Os restantes itens, apresentam uma distribuição assimétrica positiva e leptocúrtica.

Tabela 5.

Análise descritiva das respostas aos itens da Escala de Ambiguidade de Papel, Contexto Ofensivo

Item	Mín.-Max.	M±SD	Assimetria	Valor Z	Achatamento	Valor Z
Item 1	1 - 6	1,92 ± 1,12	1,36	8,55	1,83	5,75
Item 2	1 - 6	1,95 ± 1,05	1,18	7,37	1,21	3,82
Item 3	1 - 7	2,06 ± 1,18	1,33	8,32	1,92	6,05
Item 4	1 - 9	2,13 ± 1,33	1,50	9,42	3,07	9,66
Item 5	1 - 6	1,97 ± 1,20	1,06	6,62	0,65	2,03
Item 6	1 - 5	1,95 ± 1,07	1,02	6,37	0,28	0,88
Item 7	1 - 9	2,20 ± 1,27	1,83	11,49	5,90	18,57
Item 8	1 - 5	1,95 ± 1,06	1,07	6,72	0,72	2,26
Item 9	1 - 9	2,11 ± 1,13	1,58	9,89	5,26	16,56
Item 10	1 - 8	2,05 ± 1,13	1,37	8,61	3,10	9,75
Item 11	1 - 9	2,19 ± 1,43	1,76	11,03	4,11	12,94
Item 12	1 - 9	5,36 ± 3,03	-0,16	-0,98	-1,57	-4,93
Item 13	1 - 9	5,62 ± 2,96	-0,32	-1,99	-1,46	-4,60
Item 14	1 - 9	2,04 ± 1,27	1,87	11,74	6,38	20,08
Item 15	1 - 9	5,61 ± 2,90	-0,25	-1,58	-1,43	-4,50
Item 16	1 - 9	2,12 ± 1,41	1,88	11,81	4,79	15,07
Item 17	1 - 6	2,00 ± 1,11	1,24	7,76	1,68	5,29
Item 18	1 - 9	5,73 ± 2,92	-0,33	-2,07	-1,44	-4,54
Item 19	1 - 9	2,15 ± 1,37	1,53	9,58	3,05	9,60
Item 20	1 - 9	2,18 ± 1,50	1,56	9,75	2,51	7,89

Na tabela 6 podemos observar os valores da consistência interna e tendo como valor de referência $\alpha=0,70$ (Kahn, 2006), verificamos que nenhum dos fatores em ambos os contextos (defensivo e ofensivo), atinge o valor de referência mas, podemos constatar que retirando os itens 12, 13, 15 e 18, o valor de α sobe consideravelmente para valores demonstrativos de uma consistência interna aceitável (no contexto defensivo entre valores de $\alpha=0,83$ e $0,90$; no contexto ofensivo valores entre $\alpha= 0,76$ e $0,81$). Comparando os nossos resultados com os de Karamousalidis, Bebetos, Laparidis & Theodorakis (2007) e os de Bebetos et al. (2007), podemos observar que os valores da consistência interna do nosso estudo, na sua generalidade, são um pouco mais baixos, sendo que, as correlações com o fator também elas são mais baixas. Assim, considerando um dos critérios de retenção de fatores (a consistência interna do fator não deve diminuir se o item for eliminado) tomaremos a decisão de eliminar os itens anteriormente referidos.

Relativamente às correlações entre os itens e os respectivos fatores, podemos verificar que estas são moderadas com tendência para baixas e variam no contexto defensivo entre $r = 0,37$ (item 8) e $r = 0,57$ (item 9), havendo quatro correlações negativas, nos itens 12, 13, 15 e 18 ($-0,25$, $-0,16$, $-0,21$ e $-0,15$), e no contexto ofensivo entre $r = 0,24$ (item 4) e $r = 0,44$ (item 8), havendo ainda quatro correlações negativas nos itens 12, 13, 15 e 18 ($-0,18$, $-0,16$, $-0,23$ e $-0,17$). Segundo Hair, Black, Babin, Anderson e Tatham (2006) todas as correlações abaixo de $0,50$ podem já ser um sinal de uma fraca consistência interna.

Após a análise da consistência interna e das correlações, decidimos eliminar os itens 12, 13, 15 e 18, nos dois contextos, por não possuírem a robustez necessária e quando estes são eliminados, a consistência interna do fator sobe consideravelmente para valores acima de $0,70$.

Tabela 6.

Análise da consistência interna da Escala Ambiguidade de Papel, Contexto Defensivo/Ofensivo

	Correlação Item Fator		Alpha se Item Eliminado	
	Defensivo	Ofensivo	Defensivo	Ofensivo
Extensão Responsabilidades	$\alpha=0,45$	$\alpha=0,29$		
Item 1	0,53	0,37	0,25	0,11
Item 5	0,51	0,42	0,27	0,08
Item 9	0,57	0,35	0,22	0,12
Item 13	-0,16	-0,16	0,90*	0,80*
Item 17	0,48	0,26	0,28	0,17
Comportamento Papel	$\alpha=0,45$	$\alpha=0,30$		
Item 2	0,53	0,37	0,25	0,14
Item 6	0,51	0,41	0,27	0,11
Item 10	0,54	0,37	0,26	0,13
Item 14	0,40	0,33	0,29	0,13
Item 18	-0,15	-0,17	0,86*	0,81*
Avaliação Papel	$\alpha=0,38$	$\alpha=0,28$		
Item 3	0,45	0,26	0,18	0,17
Item 7	0,49	0,35	0,15	0,10
Item 11	0,52	0,43	0,13	0,01
Item 15	-0,21	-0,23	0,87*	0,79*
Item 19	0,41	0,41	0,21	0,04
Consequências Papel	$\alpha=0,31$	$\alpha=0,29$		
Item 4	0,48	0,24	0,07	0,18
Item 8	0,37	0,44	0,13	0,09
Item 12	-0,25	-0,18	0,83*	0,76*
Item 16	0,41	0,31	0,10	0,12
Item 20	0,39	0,39	0,06	0,04

Nota: *Itens eliminados

Após a eliminação dos itens, podemos prosseguir com a AFE. Na tabela 7 pode-se observar os resultados relativos às soluções iniciais da estrutura dos questionários, após o cumprimento dos vários critérios descritos anteriormente. Neste

quadro são indicados apenas os pesos fatoriais (*fator loadings*) que respeitam o critério de serem $> 0,50$ (Hill & Hill, 2000).

Os resultados das comunalidades, nos dois contextos, atingem valores bastante aceitáveis ($> 0,50$, Hair et al., 2006), sendo que, a comunalidade mais alta, no contexto defensivo é de 0,92 (item 20) e a mais baixa de 0,69 (item 17). No contexto ofensivo a comunalidade mais alta é de 0,82 (item 7 e 11) e a mais baixa de 0,55 (item 4). As comunalidades designam a proporção da variância de cada variável explicada por todos os fatores, neste caso específico, significa que a maior parte da variância dos nossos resultados de cada item é explicada pela estrutura fatorial encontrada.

No que concerne à variância explicada pelos fatores verificamos que, no contexto defensivo esta é de 79,26%, sendo que, apenas o primeiro fator explica logo 64,62% do conjunto da variância total dos resultados. O segundo fator explica 5,82%, o terceiro 4,63% e o quarto explica 4,19%. No contexto ofensivo, também obtivemos bons resultados, sendo que, o primeiro fator apresenta uma variância de 50,61%, o segundo fator de 8,87%, o terceiro é de 7,14% e o quarto fator 5,16% o que faz um total de 71,78%.

No contexto defensivo, relativamente aos pesos fatoriais dos itens podemos verificar que todos eles estão acima do valor mínimo (0,50). No primeiro fator os pesos fatoriais variam entre 0,86 (item 4) e 0,92 (item 3); no segundo fator variam entre 0,83 (itens 10 e 11) e 0,91 (item 7); o terceiro e o quarto fator apresentam apenas um item, com um peso fatorial de 0,88 (item 14) e 0,95 (item 20), respetivamente. Apesar dos resultados serem satisfatórios, podemos verificar que os itens 8, 10, 16, 17 e 19 não cumprem o critério da inexistência de itens com pesos fatoriais com relevância em mais do que um fator e que a diferença seja $\leq 0,15$, designados de *crossloadings*, ou seja, o item 8 aparece colocado no fator 1 com um peso de 0,82 e no fator 2 com 0,70; o item 10 é colocado no fator 1 com 0,83 mas no fator 2 aparece com um peso de 0,83; o item 16 aparece colocado no fator 3 com um peso fatorial de 0,74 e no fator 4 com 0,72; o item 17 é colocado no fator 1 com um peso fatorial de 0,71 e no fator 3 com 0,81; por fim o item 19 que aparece no fator 1 com um peso fatorial de 0,75 e no fator 3 com 0,76. O correto será eliminar os itens com ambiguidade, contudo, é necessário algum cuidado pois a eliminação de itens deve ser ponderada, também, com base no modelo teórico (Worthington & Whittaker, 2006) que diz-nos: a) o item 8 pertence ao fator 4 (no modelo original), contudo aparece colocado no primeiro fator e, neste caso não tendo como referência que este item possa pertencer a nenhum destes fatores, a melhor opção será a sua eliminação; b) o item 9 pertence ao primeiro fator e, neste caso podemos eliminar, manter o item no fator 2 ou considerar o modelo

teórico e ponderar a colocação do item no fator 1; c) o item 10 pertence ao fator 2, neste caso podemos eliminar, manter o item no fator 1 ou considerar o modelo teórico e ponderar a colocação do item no fator 2; d) o item 16 pertence ao quarto fator, neste caso podemos eliminar, manter o item no fator 3 ou considerar o modelo teórico e ponderar a colocação do item no fator 4; e) o item 17 pertence ao primeiro fator e, neste caso podemos eliminar; f) por fim o item 19 que pertence ao terceiro fator, podemos mantê-lo ou eliminá-lo. No entanto, optamos por seguir o critério e eliminar todos os itens com ambiguidade, à exceção do item 9 que, ao eliminarmos teríamos obrigatoriamente que eliminar também o fator 2, pois este ficaria constituído por apenas dois itens (7 e 11), para cumprir com o critério 7) apenas devem ser retidos os fatores com pelo menos 3 itens. Os fatores 3 e 4 serão eliminado pois, como podemos constatar, o fator 3 apenas é constituído pelo item 14, não cumprindo o requisito do número mínimo de três itens por fator, bem como, tem um valor próprio inferior a 1. O mesmo acontece com o fator 4 apenas constituído pelo fator 20.

No contexto ofensivo podemos observar que todos os itens estão acima do mínimo pretendido (0,30). O primeiro fator apresenta-nos pesos fatoriais entre os 0,88 (item 5) e os 0,82 (item 1), o fator dois expõe pesos entre 0,77 (item 16) e 0,85 (item 17), o terceiro fator apresenta apenas o item 7 e 11 que têm um peso fatorial de 0,90, finalmente o último e quarto fator mostra que os pesos fatoriais variam entre 0,80 (itens 9 e 10) e 0,88 (item 14). Numa análise mais pormenorizada, verificamos que existem três itens que apresentam ambiguidade de fatores (*crossloadings*), pois apresentam uma diferença de pesos fatoriais $\leq 0,15$, sendo eles, o item 4 que é colocado no fator 1 com o peso de 0,67 mas no fator 2 apresenta um peso de 0,57, o item 8 que é colocado no fator 1 com um valor de 0,71 e no fator 2 com um peso de 0,67, e o item 19 que nesta estrutura ficou colocado no fator 2 com o valor de 0,78 e no fator 3 apresenta o peso de 0,66. Segundo as indicações de Worthington e Whittaker (2006) a eliminação de itens deve ser ponderada e utilizada com alguma cautela. Se cumprirmos o critério de uma forma rígida, a primeira opção será a eliminação destes itens mas verificando o nosso modelo teórico podemos constatar que o item 19 está colocado no segundo fator, o que nos leva a uma certa reflexão acerca da eliminação deste item. Contudo, optámos pela eliminação do item.

O fator 3 irá ser eliminado pois, como podemos observar, apenas é constituído pelos itens 7 e 11, não cumprindo o requisito do número mínimo de três itens por fator, bem como, tem um valor próprio inferior a 1.

Comparativamente com outros estudos (Bebetsos, et al., 2007; Bosselut, 2008; Grande & Borrego, 2011) em que foram realizadas AFE's e análise confirmatórias, podemos observar que algumas das nossas decisões, também foram tomadas pelos

autores dos respectivos estudos, nomeadamente, a eliminação dos itens 12, 13, 15 e 18 nos dois contextos. Este itens correspondem aos que estão na forma negativa e também eles foram eliminados por Bosselut (2008) e por Grande e Borrego (2011). O aumento da consistência interna após a eliminação dos itens no contexto ofensivo, que foi o único contexto utilizado no estudo de Bebetos et al. (2007), verificaram que a consistência interna dos fatores aumentou substancialmente, para valores de $\alpha=0,80$ (Comportamento de Papel e Avaliação do Papel), $\alpha=0,82$ (Consequências de Papel) e $\alpha=0,83$ (Extensão das Responsabilidades), tal como nos sucedeu, contudo as “nossas” consistências internas sobem um pouco menos que os valores de Bebetos et al. (2007). Comparando com o estudo de Bosselut (2008), as nossas consistências internas apresentam valor idêntico na dimensão extensão das responsabilidades ($\alpha=0,80$), valor superior na dimensão comportamento de papel ($\alpha=0,79$) e valores inferiores nas dimensões avaliação de papel e consequências de papel ($\alpha=0,80$; $\alpha=0,82$). Relacionando com o estudo de Grande e Borrego (2011), as consistências internas sobem moderadamente, à exceção da dimensão extensão das responsabilidades que apresenta um valor inferior ($\alpha=0,83$). No que respeita ao contexto defensivo, os valores da consistência interna, após a eliminação dos itens, sobem bastante (até $\alpha=0,90$); superando os valores de Grande e Borrego (2011), de Bosselut (2008), a exceção da dimensão consequências de papel ($\alpha=0,85$) e de Beauchamp et al. (2002).

Tabela 7.

Análise fatorial exploratória da Escala de Ambiguidade de Papel contexto Defensivo/Ofensivo (com rotação Promax)

Itens	Comunalidades		Matriz Estrutura Defensivo				Matriz Estrutura Ofensivo			
	Defensivo	Ofensivo	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4
Item 1	0,84	0,72	0,91				0,82			
Item 2	0,83	0,74	0,91				0,86			
Item 3	0,86	0,69	0,92				0,83			
Item 4	0,78	0,55	0,86				0,67*	0,57*		
Item 5	0,80	0,77	0,89				0,88			
Item 6	0,82	0,72	0,90				0,83			
Item 7	0,84	0,82		0,91					0,90	
Item 8	0,71	0,64	0,82*	0,70*			0,71*	0,67*		
Item 9	0,82	0,70								0,80
Item 10	0,81	0,68		0,83						0,80
Item 11	0,73	0,82	0,83*	0,83*					0,90	
Item 14	0,81	0,80			0,88					0,88
Item 16	0,75	0,65			0,74*	0,72*		0,77		
Item 17	0,69	0,75	0,71*		0,81*			0,85		
Item 19	0,71	0,71	0,75		0,76*			0,78*	0,66*	
Item 20	0,92	0,70				0,95		0,83		
			Fator 1		Fator 2		Fator 3		Fator 4	
Defensivo	Valor Próprio		10,34		0,93		0,74		0,67	
	% Variância		64,62		5,82		4,63		4,19	
	% Total		64,62		70,45		75,07		79,26	
Ofensivo	Valor Próprio		8,10		1,42		1,14		0,83	
	% Variância		50,61		8,87		7,14		5,16	
	% Total		50,61		59,48		66,62		71,78	

Nota: *Crossloadings

De seguida analisamos as correlações e as consistências internas das estruturas fatoriais encontradas.

Tabela 8.

Análise da consistência interna e correlações da Escala de Ambiguidade de Papel (solução encontrada)

Correlação Item-Fator				Alpha se Item Eliminado	
Defensivo		Ofensivo		Defensivo	Ofensivo
Fator 1	$\alpha=0,95$	Fator 1	$\alpha=0,91$		
Item 1	0,88	Item 1	0,74	0,94	0,89
Item 2	0,88	Item 2	0,79	0,94	0,88
Item 3	0,88	Item 3	0,75	0,94	0,89
Item 4	0,80	Item 5	0,79	0,95	0,88
Item 5	0,85	Item 6	0,75	0,95	0,89
Item 6	0,86			0,95	
Fator 2	$\alpha=0,87$	Fator 2	$\alpha=0,78$		
Item 7	0,75	Item 16	0,62	0,82	0,70
Item 9	0,75	Item 17	0,72	0,82	0,64
Item 11	0,75	Item 20	0,56	0,82	0,79
		Fator 4	$\alpha=0,80$		
		Item 9	0,66		0,71
		Item 10	0,63		0,74
		Item 14	0,64		0,73

Nota: Fator 1= Extensão das Responsabilidades; Fator 2= Comportamentos de papel; Fator 4= Consequências de papel.

Verificamos, na tabela 8, que as correlações Item-fator, na sua generalidade, são moderadas a altas, apresentando correlações acima de 0,50. No contexto defensivo, as correlações variam entre $r = 0,75$ (itens 7, 9 e 11) e $r = 0,88$ (itens 1, 2 e 3), já no contexto ofensivo, existem correlações entre $r = 0,56$ (item 20) e $r = 0,79$ (item 2 e 5).

Podemos, também, observar que os *alphas* têm valores aceitáveis, todos eles superiores a 0,70. Verificamos, ainda, que os valores de *alpha* não aumentam quando os itens são eliminados.

Tabela 9.

Estrutura fatorial, Contexto Defensivo

Fator 1	Item 1 - Compreendo o leque das minhas responsabilidades defensivas.
	Item 2 - Eu compreendo quais os ajustes a fazer no meu comportamento para cumprir o meu papel/função no jogo defensivo.
	Item 3 - Compreendo os critérios de avaliação das responsabilidades do meu papel defensivo.
	Item 4 - É claro para mim o que acontece se eu falhar no desempenho meu papel defensivo.
	Item 5 - Entendo o âmbito das minhas responsabilidades no jogo defensivo.
	Item 6 - Percebo os comportamentos que tenho de levar a cabo para executar o meu papel defensivo.
Fator 2	Item 7 - Percebo como o meu papel defensivo é avaliado.
	Item 9 - Entendo todas as minhas responsabilidades defensivas.
	Item 11 - É claro para mim como o meu papel defensivo é avaliado.

Nota: Fator 1= Extensão das Responsabilidades; Fator 2= Comportamentos de papel.

Fazendo uma análise mais detalhada ao conteúdo dos fatores encontrados verificamos que, no contexto defensivo (ver tabela 9), o fator 1 é constituído por dois itens (itens 1 e 5) que estão intimamente ligados à extensão das responsabilidades do papel defensivo desempenhado, dois itens associados aos comportamentos necessários para o cumprimento do papel (itens 2 e 6), um item (item 3) ligado à avaliação do papel e outro item que pretende avaliar as consequências para os atletas se estes não cumprirem o seu papel (item 4). O fator 2 é constituído por um item associado às responsabilidades de papel (item 2), e dois itens ligados à avaliação do papel (itens 7 e 11).

No contexto ofensivo (ver tabela 10), o fator 1 compreende dois itens que permitem verificar se o atleta percebe as responsabilidades inerentes ao seu papel ofensivo (itens 1 e 5), dois itens associados aos comportamentos requeridos para o cumprimento do papel (itens 2 e 6) e um item que se refere à avaliação do papel (item 3). O fator 2 é constituído por dois itens relativos às consequências para o atleta do não cumprimento do seu papel ofensivo (itens 16 e 20) e um item que está intimamente ligado à extensão das responsabilidades do papel ofensivo desempenhado (item 17). Finalmente, o fator 4 é constituído por dois itens relativos

aos comportamentos requeridos para o cumprimento do papel (itens 10 e 14) e um item associado às responsabilidades do papel (item 9).

Como podemos verificar, o conteúdo teórico dos fatores foi bastante alterado havendo uma mistura de itens das várias dimensões originais, e o que podemos concluir é que estes novos fatores não medem efetivamente aquilo que supostamente deveriam medir, ou seja, o fator 1 a extensão das responsabilidades, o fator 2 os comportamentos necessários para o cumprimento do papel, o fator 3 a avaliação do papel e o fator 4 as consequências do não cumprimento do papel. Por não haver um significado teórico comum aos itens que compõem os fatores a designação atribuída será fator 1 e fator 2, no contexto defensivo, e fator 1, fator 2 e fator 4, no contexto ofensivo.

Tabela 10.

Estrutura fatorial, Contexto Ofensivo

Fator 1	Item 1 - Compreendo o leque das minhas responsabilidades ofensivas.
	Item 2 - Eu compreendo quais os ajustes a fazer no meu comportamento para cumprir o meu papel/função no jogo ofensivo.
	Item 3 - Compreendo os critérios de avaliação das responsabilidades do meu papel ofensivo.
	Item 5 - Entendo o âmbito das minhas responsabilidades no jogo ofensivo.
	Item 6 - Percebo os comportamentos que tenho de levar a cabo para executar o meu papel ofensivo.
Fator 2	Item 16 - Compreendo as consequências de um mau desempenho do meu papel ofensivo.
	Item 17 - Estou certo das diferentes responsabilidades que constituem o meu papel ofensivo.
	Item 20 - Eu sei o que me irá acontecer se não desempenhar bem o meu papel ofensivo.
Fator 4	Item 9 - Entendo todas as minhas responsabilidades ofensivas.
	Item 10 - Sei que comportamentos são necessários para executar as minhas responsabilidades ofensivas.
	Item 14 - São óbvios os comportamentos que devo ter para desempenhar o meu papel ofensivo.

Nota: Fator 1= Extensão das responsabilidades; Fator 2= Comportamentos de papel; Fator 4= Consequências de papel.

1.5. Conclusões

Concluindo, e tendo como referência o modelo de Beauchamp et al. (2002) que distribui os itens da seguinte maneira em ambos os contextos: no fator extensão das responsabilidades pertencem os itens: 1, 5, 9, 13 e 17; Comportamentos de papel: 2, 6, 10, 14 e 18; Avaliação de papel: 3, 7, 11, 15 e 19; Consequências de papel: 4, 8, 12, 16 e 20. Nos dois contextos os resultados não correspondem à estrutura fatorial original, assim no contexto defensivo foram eliminados os itens 12, 13, 15 e 18 (por falta de robustez) e os itens 8, 10, 16, 17 e 19 (por dualidade de fatores). No fator 1 ficam colocados os itens: 1, 2, 3, 4, 5 e 6 e no fator 2 ficam colocados os itens: 7, 9 e 10. Os fatores 3 e 4 ficam eliminados por não cumprirem o número mínimo de itens por fator (3 itens). No contexto ofensivo ficam eliminados os itens 12, 13, 15 e 18 (falta de robustez) e os itens 4, 8 e 19 (por ambiguidade de fatores). Fica também eliminado o fator 3 por não cumprir o número mínimo de itens por fator (3 itens). O fator 1 fica constituído pelos itens 1, 2, 3, 5 e 6; no fator 2 ficam colocados os itens 16, 17 e 20 e no fator 4 integram os itens 9, 10 e 14.

Comparando as quatro estruturas (duas ofensivas e duas defensivas), podemos observar que os resultados em nada coincidem com a estrutura original do questionário, apenas conseguimos que poucos itens coincidissem com a distribuição original. Em ambos os contextos (defensivo e ofensivo) apenas os itens: 1 e 5 coincidem com a distribuição original da Escala de Ambiguidade de Papel. Conclui-se, assim, que na validação preliminar da *Role Ambiguity Scale*, a solução encontrada não se ajusta ao modelo conceptual proposto por Beauchamp et al. (2002) nos dois contextos, corroborado por Karamousalidis et al. (2007) e Grande e Borrego (2010). Relacionando com o modelo encontrado por Bosselut (2008) encontramos um ponto em comum no que diz respeito à eliminação dos itens na forma negativa por não possuírem robustez e pela consistência interna do fator em que estavam integrados, subir consideravelmente se estes forem eliminados. Inicialmente os itens colocados na forma negativa foram criados para detetar viés num conjunto de respostas (Nunnally, 1978; cit. por Bosselut, 2008), contudo os itens formulados na forma negativa tem a desvantagem de aumentar a variabilidade das respostas pelas dificuldades de compreensão que eles apresentam para os indivíduos que respondem ao questionário. Na verdade, estes podem ler incorretamente a frase e responder de forma oposta ao que realmente pensam. Para além disso Barnette (2000) afirma que os itens formulados na forma negativa são um dos maiores fatores que afeta negativamente os valores da consistência interna e a validade dos valores obtidos. Assim, a nossa opção no que diz respeito à manutenção dos itens 12, 13, 15 e 18 na

forma negativa, mostrou-se uma limitação, uma vez que também nós tivemos de eliminar esses mesmos itens.

Sugerimos que em futuras investigações o número de participantes seja superior ao utilizado no nosso estudo, cumprindo com o rácio de dez participantes: um item para que se possa fazer, também, a AFC, ou seja, que se continue a fazer a exploração dos dados mas confirmando-os tal como sugerido por Kahn (2006). Visto também Bosselut (2008) ter encontrado um modelo diferente (com 3 dimensões) sugerimos, também, a exploração de vários modelos para verificar qual melhor se adequa à sua melhor mensuração e que melhor possa predizer os correlatos da ambiguidade.

2. Estudo II - Relação entre a Ambiguidade de Papel e a Satisfação

No estudo II pretendemos analisar a relação entre a ambiguidade de papel e a satisfação, ou seja, verificar a força e o sentido desta relação.

2.1. Tipo de estudo

Este será um estudo descritivo-correlacional no qual se explora a existência de relação entre as variáveis, ambiguidade de papel e satisfação.

2.2. Objetivos específicos

A hipótese formulada para este estudo foi:

H₁ – Existe correlação positiva entre as manifestações de ambiguidade de papel e as manifestações de satisfação no contexto ofensivo e defensivo.

2.3. Caracterização dos participantes

Participam no estudo 254 jogadores federados de futebol, do sexo masculino. Após a análise de qualidade dos questionários, em que foram eliminados os questionários não respondidos e os *outliers*, o número de participantes ficou reduzido a 232 com idades compreendidas entre os 14 e 18 anos ($M=16,29$; $DP=1,10$) dos escalões Juvenil e Júnior. A média de anos de prática é de 7,74 ($DP= 2,93$), a prática semanal de 6,62 ($DP= 0,93$). Estas mesmas equipas, realizam entre três e cinco treinos semanais ($4,31 \pm 0,47$) (ver tabela 11).

Tabela 11.

Caracterização dos participantes

	N	Mín-Máx.	M $\pm$ SD
Idade	232	14 - 18	16,29 $\pm$ 1,10
Anos de Prática na Modalidade	232	1 - 13	7,74 $\pm$ 2,93
Horas Treino/Semana	232	6 - 8	6,62 $\pm$ 0,93
N.º Treinos/Semana	232	3 - 5	4,31 $\pm$ 0,47

2.4. Variáveis

As variáveis em estudo são: a variável ambiguidade de papel (EAP) (i.e. extensão das responsabilidades defensivas/ofensivas, comportamentos relacionados com o papel defensivo/ofensivo, avaliação do papel defensivo/ofensivo e consequências do não cumprimento do papel defensivo/ofensivo) e a variável satisfação (QSA) (i.e. prestação/desempenho individual, prestação de equipa, utilização da habilidade, estratégia, tratamento pessoal, treino e instrução, contribuição da equipa para a tarefa, contribuição da equipa para o social, ética, integração da equipa, dedicação pessoal, orçamento, pessoal médico e agentes externos).

2.5. Instrumentos

Após a tradução e validação preliminar da Escala Ambiguidade de Papel (ver estudo I), verificámos que a estrutura fatorial divergia bastante da estrutura do questionário original. Tendo em consideração as limitações do estudo anterior, nomeadamente número de participantes e atendendo à natureza da AFE (explorar os dados), consideramos adotar o modelo original decorrente do quadro conceptual proposto por Beauchamp et al. (2002). Assim sendo, a Escala de Ambiguidade de Papel é constituída por vinte itens e aplicada em dois contextos (i.e. o contexto ofensivo e defensivo). Os vinte itens são distribuídos por quatro dimensões no seguinte formato:

1) Extensão das Responsabilidades: refere-se à falta de clareza de informação relativa às responsabilidades. Itens: 1, 5, 9, 13 e 17; (e.g. *“Eu compreendo as minhas responsabilidades no jogo ofensivo”*);

2) Comportamentos de Papel: representa o facto de os atletas não estarem esclarecidos em relação aos comportamentos associados ao papel. Itens: 2, 6, 10, 14 e 18; (e.g. *“Eu compreendo quais os ajustes a fazer no meu comportamento para cumprir o meu papel no jogo ofensivo”*);

3) Avaliação de Papel: reflete a falta de compreensão sobre como serão avaliados os desempenhos do papel. Itens: 3, 7, 11, 15 e 19; (e.g. *“Eu compreendo os critérios utilizados para avaliar as minhas responsabilidades n jogo ofensivo”*);

4) Consequências do Não Cumprimento do Papel: reflete a falta de esclarecimento sobre as consequências, relativas ao sucesso ou insucesso no desempenho do papel. Itens: 4, 8, 12, 16 e 20. (e.g. *“Eu sei claramente o que me acontecerá se eu falhar no desempenho do meu papel ofensivo”*);

Os resultados desta escala obtêm-se através da média aritmética dos itens das respetivas dimensões, sendo que valores elevados refletem uma alta ambiguidade de papel (i.e., menor clareza de papel) e valores mais baixos revelam uma menor ambiguidade, ou seja uma clareza de papel mais alta.

Para avaliar a satisfação utilizamos a versão portuguesa do *Athlete Satisfaction Questionnaire* (ASQ; Riemer e Chelladurai, 1998), validado e adaptado à população portuguesa por Borrego et al., (2010). Este questionário é constituído por cinquenta e três itens, agrupados em onze dimensões:

- 1) Prestação/desempenho Individual (itens 6, 22, 39);
- 2) Prestação de Equipa (itens 13, 28, 37);
- 3) Utilização da Habilidade (itens 7, 24, 36, 46, 51);
- 4) Estratégia (itens 3, 27, 29, 43, 50, 53);
- 5) Tratamento Pessoal (itens 12, 20, 40, 44, 52),
- 6) Treino e Instrução (itens 14, 23, 33);
- 7) Contribuição da Equipa para a Tarefa (itens 9, 21, 34);
- 8) Contribuição da Equipa para o Social (itens 2, 25, 35);
- 9) Ética (itens 8, 16, 31);
- 10) Integração da Equipa (itens 1, 18, 32, 47);
- 11) Dedicção Pessoal (itens 5, 15, 30, 45);
- 12) Orçamento (itens 10, 17, 38);
- 13) Pessoal Médico (itens 4, 19, 41, 49);
- 14) Agentes externos (itens 11, 26, 42, 48).

Embora o objetivo do presente estudo seja a relação entre a ambiguidade de papel e satisfação, em estudos anteriores algumas dimensões da satisfação (Eys et al., 2003) foram consideradas periféricas à interação e funcionamento do grupo. Desta forma, as dimensões identificadas por estes autores: 12) orçamento, 13) pessoal médico e 14) agentes externos; não foram incluídas no estudo. Por não encontrarmos justificação teórica para as manter, também nós decidimos não incluir estas três dimensões no nosso estudo.

Os atletas respondem a cada item optando por alternativa, numa escala de sete pontos, 'Nada satisfeito' (1) a 'Extremamente Satisfeito' (7), com 'Modernamente Satisfeito' (4) como valor médio.

2.6. Procedimentos

Inicialmente, deslocamo-nos, às instituições a fim de nos informarmos acerca dos horários dos treinos dos escalões e ter o primeiro contacto com os treinadores, obtendo assim as devidas autorizações. De seguida combinávamos a data e o horário para a recolha de dados, normalmente esta realizava-se trinta minutos antes do treino, o treinador informava e solicitava previamente aos atletas que nesse dia chegassem um pouco mais cedo.

A recolha de dados foi desenvolvida num contexto de treino preferencialmente antes do treino a meio da semana, de modo a que os dados não fossem influenciados pela proximidade da competição ao fim de semana. A sua aplicação desenvolveu-se no balneário de cada equipa, onde todos os jogadores ao mesmo tempo responderam ao questionário. De referir, que antes dos atletas responderem ao questionário foram informados que este era de carácter confidencial, e que não existiam respostas certas ou erradas, apenas tinham de ser sinceros. Foi chamada a atenção para as escalas de resposta, de modo a não se enganarem na atribuição conotativa dos números, uma vez que o “1” correspondia ao “nada satisfeito” e o “7” ao “extremamente satisfeito” no QSA e na EAP o “1” correspondia ao “concordo absolutamente” e o “9” ao “discordo absolutamente”. Sempre que houvesse dúvidas podiam solicitar ajuda. Ambos os questionários foram respondidos individualmente, e os atletas demoraram cerca de 20-30 minutos.

2.6.1. Procedimentos estatísticos

As variáveis do estudo serão objeto de análises descritivas, procurando obter a descrição das características da amostra na qual os dados foram recolhidos e descrever os valores obtidos pela medida das variáveis. A estatística descritiva incluirá a média, desvio padrão, distribuição de frequências, percentagens,

A análise correlacional foi realizada com o intuito de perceber qual a relação entre a ambiguidade de papel, e a perceção de satisfação. Essa análise foi desenvolvida através da aplicação do coeficiente de correlação ρ de Pearson a fim de medir a intensidade da relação entre as variáveis dependentes (ambiguidade de papel e satisfação), uma vez que a amostra cumpre o critério da normalidade. Com o objetivo de verificar o efeito preditivo das manifestações da ambiguidade de papel na satisfação, foi realizada uma análise de regressão múltipla através da técnica estatística.

Foi utilizado o programa informático SPSS 17.0 para tratar todos os dados referentes às variáveis em estudo.

2.7. Apresentação e discussão dos resultados

Como se pode verificar na tabela 12, as médias relativas à ambiguidade de papel, nos dois contextos, situam-se todas abaixo dos 3 valores, o que nos indica que existe uma elevada clareza de papel nos atletas da amostra (i.e. baixa ambiguidade). No contexto defensivo, a dimensão extensão das responsabilidades foi a que teve maior média ($2,47 \pm 0,93$) e a dimensão consequências de papel ($2,44 \pm 0,85$) foi a que obteve uma menor média. No contexto ofensivo, a dimensão avaliação do papel obteve maior média ($2,55 \pm 0,84$) e a dimensão comportamentos de papel foi a que teve a média mais baixa ($1,93 \pm 0,88$). Estes resultados levam-nos a admitir que os atletas estão melhor esclarecidos quanto aos seus papéis ofensivos comparativamente com os papéis defensivos, visto as médias das dimensões ofensivas serem mais baixas, de uma forma geral, que as defensivas.

Relativamente às manifestações da satisfação, podemos verificar que todas elas apresentam médias superiores às dimensões da ambiguidade de papel. A dimensão estratégia obteve a maior média ($5,05 \pm 0,84$) e a dimensão prestação equipa foi a que teve a média mais baixa ($4,20 \pm 1,03$). As restantes dimensões situam-se entre os 4 e 5 valores. Estes resultados demonstram que de uma maneira geral os atletas estão moderadamente satisfeitos, visto as médias obtidas serem entre os 4 e 5 valores (os valores podem variar entre 1 e 7).

Tabela 12.*Estatística descritiva ambiguidade de papel e satisfação*

Contexto	Variáveis	M	DP
Defensivo	Extensão Responsabilidades	2,47	0,93
	Comportamento Papel	1,97	0,94
	Avaliação Papel	2,45	0,86
	Consequências Papel	2,44	0,85
Ofensivo	Extensão Responsabilidades	2,49	0,87
	Comportamento Papel	1,93	0,88
	Avaliação Papel	2,55	0,84
	Consequências Papel	2,49	0,88
Satisfação	Prestação Individual	4,43	0,83
	Prestação equipa	4,20	1,03
	Utilização habilidades	4,76	0,92
	Estratégia	5,05	0,84
	Tratamento pessoal	4,95	0,93
	Treino instrução	4,59	0,77
	Equipa tarefa	4,43	0,92
	Equipa social	4,46	0,82
	Ética	4,32	0,92
	Integração equipa	4,60	0,90
	Dedicação pessoal	4,94	0,70

A tabela 13 mostra-nos as correlações existentes entre as variáveis da ambiguidade de papel e da satisfação no contexto defensivo e, podemos verificar que nem todas as variáveis estão significativamente correlacionadas ($p \leq 0,05$). No que diz respeito à dimensão da ambiguidade, extensão das responsabilidades, esta apresenta correlações significativas e negativas, à exceção da dimensão ética, com todas as dimensões da satisfação: prestação individual ($r = -0,22^{**}$); prestação equipa ($r = -0,13^{*}$); utilização habilidades ($r = -0,22^{**}$); estratégia ($r = -0,20^{**}$); tratamento pessoal ($r = -0,18^{**}$); treino instrução ($r = -0,14^{*}$); equipa tarefa ($r = -0,15^{*}$); equipa social ($r = -0,22^{**}$); integração equipa ($r = -0,14^{*}$); e finalmente, dedicação pessoal ($r = -0,21^{**}$). A dimensão comportamentos de papel estabelece as mesmas correlações negativas que

a dimensão anterior: prestação individual ($r = -0,19^{**}$); prestação equipa ($r = -0,14^*$); utilização habilidades ($r = -0,23^{**}$); estratégia ($r = -0,26^{**}$); tratamento pessoal ($r = -0,26^{**}$); treino instrução ($r = -0,19^{**}$); equipa tarefa ($r = -0,18^{**}$); equipa social ($r = -0,25^{**}$); integração equipa ($r = -0,16^*$); e finalmente, dedicação pessoal ($r = -0,26^{**}$). Por sua vez, a dimensão avaliação de papel estabelece correlações negativas com: prestação individual ($r = -0,16^*$); utilização habilidades ($r = -0,20^{**}$); estratégia ($r = -0,17^*$); tratamento pessoal ($r = -0,16^*$); equipa tarefa ($r = -0,14^*$); equipa social ($r = -0,20^{**}$); e finalmente, dedicação pessoal ($r = -0,17^*$). Por último, a dimensão consequências de papel estabelece correlações significativas e mais uma vez negativas, com: prestação individual ($r = -0,16^*$); utilização habilidades ($r = -0,14^*$); estratégia ($r = -0,19^{**}$); tratamento pessoal ($r = -0,16^*$); treino instrução ($r = -0,13^*$); equipa tarefa ($r = -0,14^*$); equipa social ($r = -0,16^*$); e finalmente, dedicação pessoal ($r = -0,16^*$).

As dimensões da ambiguidade, extensão das responsabilidades e comportamentos de papel, são as dimensões que apresentam o maior e igual número de correlações com as dimensões da satisfação. A dimensão avaliação de papel, no contexto defensivo, apresenta o menor número de correlações com a satisfação.

Tabela 13.*Correlação entre ambiguidade de papel e satisfação no contexto defensivo e ofensivo*

	Defensivo				Ofensivo			
	Ext.resp.	Comp.papel	Aval.papel	Consq.papel	Ext.resp.	Comp.papel	Aval.papel	Consq.papel
Prestação Individual	-0,22**	-0,19**	-0,16*	-0,16*	-0,25**	-0,27**	-0,21**	-0,18**
Prestação equipa	-0,13*	-0,14*	-0,13	-0,12	-0,18**	-0,15*	-0,25**	-0,18**
Utilização habilidades	-0,22**	-0,23**	-0,20**	-0,14*	-0,32**	-0,31**	-0,33**	-0,27**
Estratégia	-0,20**	-0,26**	-0,17*	-0,19**	-0,26**	-0,30**	-0,30**	-0,21**
Tratamento pessoal	-0,18**	-0,26**	-0,16*	-0,16*	-0,19**	-0,26**	-0,25**	-0,17*
Treino instrução	-0,14*	-0,19**	-0,13	-0,13*	-0,19**	-0,27**	-0,25**	-0,22**
Equipa tarefa	-0,15*	-0,18**	-0,14*	-0,14*	-0,23**	-0,22**	-0,23**	-0,17*
Equipa social	-0,22**	-0,25**	-0,20**	-0,16*	-0,26**	-0,29**	-0,33**	-0,23**
Ética	-0,08	-0,11	-0,08	-0,09	-0,16*	-0,15*	-0,16*	-0,08
Integração equipa	-0,14*	-0,16*	-0,11	-0,11	-0,20*	-0,19**	-0,20**	-0,10
Dedicação pessoal	-0,21**	-0,26**	-0,17*	-0,16*	-0,24**	-0,31**	-0,27**	-0,19**

Nota. **Correlação é significativa até 0,01 (2-tailed); *Correlação é significativa até 0,05 (2-tailed).

Nos estudos anteriores os autores (Bray et al., 2005; Eys et al., 2005), apenas correlacionaram a ambiguidade de papel (as suas quatro dimensões: extensão das responsabilidades; comportamento de papel, avaliação de papel e consequências de papel) com a prestação individual; a utilização de habilidades; o tratamento pessoal; o treino e instrução; e a dedicação pessoal (Bray et al., 2005), a prestação individual; a prestação equipa; a utilização de habilidades; a estratégia; o tratamento pessoal; o treino e instrução; a equipa tarefa; e a integração equipa (Eys et al., 2005).

Analisando os nossos resultados no contexto defensivo com estudos anteriores (Bray et al., 2005; Eys et al., 2005), verificamos as mesmas correlações que Eys et al. (2005) em que a avaliação do papel se correlaciona com a utilização das habilidades ($r = 0,29^{**}$) e com o tratamento pessoal ($r = 0,26^{**}$). Aferimos ainda as mesmas correlações que Bray et al. (2005) na extensão das responsabilidades com as dimensões da satisfação: utilização habilidades ($r = 0,25^{**}$), tratamento pessoal ($r = 0,31^*$) e dedicação pessoal ($r = 0,30^{**}$); no comportamento de papel: utilização das habilidades ($r = 0,25^{**}$), tratamento pessoal ($r = 0,29$), treino e instrução ($r = 0,32$) e dedicação pessoal ($r = 0,40^{**}$); na avaliação do papel: prestação individual ($r = 0,18^*$), utilização das habilidades ($r = 0,26^{**}$), tratamento pessoal ($r = 0,25^{**}$), e dedicação pessoal ($r = 0,33^{**}$); e nas consequências de papel: utilização de habilidades ($r = 0,18^*$), tratamento pessoal ($r = 0,28^{**}$), treino e instrução ($r = 0,24$), e dedicação pessoal ($r = 0,34^{**}$).

No contexto ofensivo (ver tabela 13), também se verificam correlações significativas entre as variáveis. Na dimensão da ambiguidade, extensão das responsabilidades, esta apresenta correlações significativas e negativas com todas as dimensões da satisfação: prestação individual ($r = -0,25^{**}$); prestação equipa ($r = -0,18^{**}$); utilização habilidades ($r = -0,32^{**}$); estratégia ($r = -0,26^{**}$); tratamento pessoal ($r = -0,19^{**}$); treino instrução ($r = -0,19^{**}$); equipa tarefa ($r = -0,23^{**}$); equipa social ($r = -0,26^{**}$); ética ($r = -0,16^*$); integração equipa ($r = -0,20^*$); e finalmente, dedicação pessoal ($r = -0,24^{**}$). A dimensão comportamentos de papel estabelece as mesmas correlações negativas que a dimensão anterior: prestação individual ($r = -0,27^{**}$); prestação equipa ($r = -0,15^*$); utilização habilidades ($r = -0,31^{**}$); estratégia ($r = -0,30^{**}$); tratamento pessoal ($r = -0,26^{**}$); treino instrução ($r = -0,27^{**}$); equipa tarefa ($r = -0,22^{**}$); equipa social ($r = -0,29^{**}$); ética ($r = -0,15^*$); integração equipa ($r = -0,19^{**}$); e finalmente, dedicação pessoal ($r = -0,31^{**}$). Por sua vez, a dimensão avaliação de papel ofensivo estabelece correlações negativas com todas as dimensões: prestação individual ($r = -0,21^{**}$); prestação equipa ($r = -0,25^{**}$); utilização habilidades ($r = -0,33^{**}$); estratégia ($r = -0,30^{**}$); tratamento pessoal ($r = -0,25^{**}$); treino instrução ($r = -0,25^{**}$); equipa tarefa ($r = -0,23^{**}$); equipa social ($r = -0,33^{**}$); ética ($r = -0,16^*$); integração equipa ($r = -0,20^{**}$); e finalmente, dedicação pessoal ($r = -0,27^{**}$). Por último, a dimensão consequências de

papel que estabelece correlações significativas e mais uma vez todas negativas, com: prestação individual ($r = -0,18^{**}$); prestação equipa ($r = -0,18^{**}$); utilização habilidades ($r = -0,27^{**}$); estratégia ($r = -0,21^{**}$); tratamento pessoal ($r = -0,17^{**}$); treino instrução ($r = -0,22^{*}$); equipa tarefa ($r = -0,17^{*}$); equipa social ($r = -0,23^{**}$); e finalmente, dedicação pessoal ($r = -0,19^{**}$).

As dimensões extensão das responsabilidades ofensivas, comportamentos de papel ofensivos e avaliação do papel ofensivo, estabelecem correlações com todas as dimensões da satisfação, deste modo, atletas que percebem com maior clareza informações relativas às suas responsabilidades e comportamentos ofensivos, e compreendam claramente como será avaliado o seu desempenho ofensivo, apresentam uma maior satisfação. A dimensão consequências de papel apresenta o menor número de correlações com a satisfação.

Verificando os nossos resultados no contexto ofensivo com estudos anteriores (Bray et al., 2005; Eys et al., 2005), verificamos as mesmas correlações que Eys et al. (2005) em que a avaliação do papel se correlaciona com todas as oito dimensões da satisfação: prestação individual ($r = 0,23^{*}$); prestação equipa ($r = 0,20^{*}$); utilização das habilidades ($r = 0,26^{**}$); estratégia ($r = 0,27^{**}$); tratamento pessoal ($r = 0,33^{**}$); treino e instrução ($r = 0,25^{**}$); equipa tarefa ($r = 0,35^{**}$); e integração equipa ($r = 0,32^{**}$). O mesmo acontece na dimensão do comportamento de papel, à exceção da dimensão prestação equipa que não apresenta qualquer correlação: prestação individual ($r = 0,24^{*}$); utilização das habilidades ($r = 0,20^{*}$); estratégia ($r = 0,27^{**}$); tratamento pessoal ($r = 0,22^{*}$); treino e instrução ($r = 0,27^{*}$); equipa tarefa ($r = 0,30^{**}$); e integração equipa ($r = 0,32^{**}$). Na dimensão da avaliação de papel: utilização das habilidades ($r = 0,29^{**}$); estratégia ($r = 0,20^{*}$); tratamento pessoal ($r = 0,29^{**}$); treino e instrução ($r = 0,22^{**}$); equipa tarefa ($r = 0,22^{*}$); e integração equipa ($r = 0,21^{*}$). Finalmente a dimensão consequências de papel apresenta correlações apenas com as dimensões da satisfação: utilização de habilidades ($r = 0,30^{**}$); equipa tarefa ($r = 0,29^{**}$); e integração equipa ($r = 0,24^{*}$).

Aferimos ainda as mesmas correlações que Bray et al. (2005) em todas as quatro dimensões da ambiguidade de papel (extensões das responsabilidades, comportamento de papel, avaliação de papel e consequências de papel) com cinco as dimensões da satisfação estudadas pelo autor (prestação individual, utilização habilidades, tratamento pessoal, treino e instrução e dedicação pessoal), sendo que estas correlações variam entre $r = 0,14$ e $r = 0,47$.

Os nossos resultados corroboram os resultados de Eys et al. (2005) e Bray et al. (2005), bem como, a suposição inicial de que existe uma correlação negativa entre a ambiguidade de papel e a satisfação, ou seja, quanto mais claramente os atletas

compreendem o seu papel na equipa, maior será a sua satisfação. Comparando a “força” das correlações existentes, podemos verificar que, de uma forma geral, o contexto ofensivo apresenta correlações mais fortes que o contexto defensivo. Uma das possíveis explicações para estas correlações poderá ser o facto de os treinadores despendem maior tempo nas tarefas ofensivas, como atesta Eys et al. (2005), por outras palavras, o objetivo do futebol é o golo e isso leva a que os treinadores deem maior ênfase às tarefas ofensivas durante o treino, outra justificação poderá ser a maior complexidade das tarefas ofensivas em relação às defensivas que pode levar a que os treinadores demorem mais tempo na explicação das tarefas ofensivas.

2.7.1. Regressão múltipla

Com o objetivo de verificar o efeito preditivo das manifestações da ambiguidade de papel na satisfação, foi realizada uma análise de regressão múltipla, com as dimensões que apresentaram correlações. Os resultados, na tabela 14, mostram-nos que a variável comportamento de papel ofensivo é o melhor preditor das variáveis, prestação individual, estratégia, tratamento pessoal, treino e instrução, e dedicação pessoal, pois explica: 7% da variância da prestação individual $F(1, 254) = 18,28$, $p \leq 0,00$; 9% da variância da estratégia $F(1, 254) = 22,70$, $p \leq 0,00$; 7% da variância do tratamento pessoal $F(1, 254) = 18,09$, $p \leq 0,00$; 7% da variância do treino e instrução $F(1, 254) = 18,10$, $p \leq 0,00$; e por fim, 10% da variância da dedicação pessoal $F(1, 254) = 24,05$, $p \leq 0,00$.

A variável avaliação de papel no contexto ofensivo é o melhor preditor das variáveis: prestação equipa com 6%, $F(1, 254) = 15,81$, $p \leq 0,00$; a utilização habilidades com 11%, $F(1, 254) = 28,69$, $p \leq 0,00$; e equipa social com 11%, $F(1, 254) = 28,67$, $p \leq 0,00$;

Por fim, a variável extensão das responsabilidades ofensivas é o melhor preditor das variáveis, equipa tarefa, ética e integração equipa, pois explica: equipa tarefa com 5%, $F(1, 254) = 13,00$, $p \leq 0,00$; ética com 3%, $F(1, 254) = 6,02$, $p \leq 0,02$; e integração equipa com 4%, $F(1, 254) = 9,69$, $p \leq 0,00$.

Assim, a dimensão da ambiguidade, comportamento de papel no contexto ofensivo, foi identificada no nosso estudo como a variável que melhor explica a relação entre ambiguidade de papel e a satisfação, compreendendo 40% da variância. Por outras palavras, atletas que percecionam com maior clareza os comportamentos ofensivos que devem adotar, apresentam uma maior satisfação. A avaliação de papel no contexto ofensivo, compreende 28% da variância, e a extensão das responsabilidades ofensivas, compreende 11%. Estes resultados não corroboram os

resultados apresentados por Eys et al. (2005), que apenas divulga a dimensão da extensão das responsabilidades ofensivas da ambiguidade, como a única variável significativa na relação com a satisfação. Os mesmos autores referem ainda que, as dimensões da ambiguidade: comportamento de papel, avaliação de papel e consequências de papel, não contribuem significativamente na relação entre ambiguidade de papel e satisfação.

Uma possível explicação para que a variável comportamento de papel ofensivo possa prever a satisfação, prende-se pelo facto da modalidade de futebol ser toda ela maioritariamente conduzida para o jogo ofensivo, sempre com a finalidade de chegar ao golo. Desta forma, os atletas que compreendem melhor como o seu papel ofensivo é executado, apresentam uma maior clareza em relação aos comportamentos que devem desempenhar, e consequentemente puderam chegar ao golo com uma maior “facilidade”. O que concludentemente, aumenta a satisfação do atleta.

Tabela 14.

Análise da regressão múltipla das dimensões da Escala de Ambiguidade do Papel (EAP) sobre as dimensões da satisfação (QSA)

	R	R²	Beta	T	Sig.
Prestação individual					
Comportamento papel ofensivo	0,27	0,07	-0,26	-4,28	0,00
Prestação equipa					
Avaliação papel ofensivo	0,25	0,06	-0,31	-3,98	0,00
Utilização habilidades					
Avaliação papel ofensivo	0,33	0,11	-0,37	-5,36	0,00
Estratégia					
Comportamento papel ofensivo	0,30	0,09	-0,29	-4,77	0,00
Tratamento pessoal					
Comportamento papel ofensivo	0,26	0,07	-0,27	-4,01	0,00
Treino instrução					
Comportamento papel ofensivo	0,27	0,07	-0,24	-4,25	0,00
Equipa tarefa					
Extensão responsabilidades ofensivas	0,23	0,05	-0,24	-3,61	0,00
Equipa social					
Avaliação papel ofensivo	0,33	0,11	-0,33	-5,35	0,00
Ética					
Extensão responsabilidades ofensivas	0,16	0,03	-0,17	-2,45	0,02
Integração equipa					
Extensão responsabilidades ofensivas	0,20	0,04	-0,21	-3,11	0,00
Dedicação pessoal					
Comportamento papel ofensivo	0,31	0,10	-0,25	-4,90	0,00

2.8. Conclusões

Com os resultados deste estudo podemos concluir que os atletas estão bem esclarecidos em relação ao seu papel e que os níveis de satisfação são moderados e, consequentemente verificámos que ambiguidade de papel está negativa e fortemente correlacionada com a satisfação, logo, iremos rejeitar a hipótese nula que nos diz que não existe correlação entre as variáveis ambiguidade de papel e satisfação. As manifestações da ambiguidade de papel estão correlacionadas com grande parte das manifestações da satisfação e, com isto podemos dizer que quanto mais altos forem os níveis de ambiguidade (menor clareza de papel) menores serão os níveis de satisfação. Em termos práticos, os atletas que não estão bem esclarecidos em relação ao seu papel desenvolverão níveis de satisfação mais baixos que os atletas que percebem melhor o seu papel.

Concluímos, também, que a dimensão da ambiguidade, comportamentos de papel no contexto ofensivo, foi a variável que melhor explicou a relação entre ambiguidade de papel e a satisfação. Ou seja, atletas que percebem com maior clareza os comportamentos ofensivos que devem adotar, apresentam uma maior satisfação.

3. Estudo III - Estudo Comparativo da Ambiguidade de Papel e a Satisfação entre os escalões Júnior e Juvenil

No III estudo, pretendemos analisar a comparação das manifestações de ambiguidade e de satisfação entre os escalões que constituem a nossa amostra.

3.1. Tipo de estudo

Este será um estudo do tipo descritivo-comparativo.

3.2. Formulação de hipóteses

As hipóteses formuladas para este estudo foram:

H₀ – Não existem diferenças significativas na ambiguidade de papel no contexto defensivo e ofensivo e a satisfação, entre os escalões.

H₁ – Existem diferenças significativas na ambiguidade de papel no contexto defensivo e ofensivo e a satisfação, entre os escalões.

3.3. Caracterização dos participantes

Para o estudo III iremos usar os mesmos participantes do estudo II (ver estudo II). No entanto é essencial uma análise separada por escalões.

Tabela 15.

Caracterização dos participantes por escalão

	Juvenil		Júnior	
	Min-Max.	M±SD	Min-Máx.	M±SD
Idade	14 - 16	15,41 ± 0,51	16 - 18	17,28 ± 0,68
Anos de Prática	1 - 12	7,01 ± 2,71	1 - 13	8,57 ± 2,96
Horas Treino/Semana	6 - 8	6,26 ± 0,68	6 - 8	7,03 ± 1,00
N.º Treinos/Semana	4 - 5	4,13 ± 0,34	3 - 5	4,50 ± 0,52

Nota: Juvenil N=123; Júnior N=109

Como se observa na tabela 15, o escalão júnior apresenta médias mais altas em todas as dimensões que caracterizam os participantes. Estes resultados já eram

esperados uma vez que o escalão júnior é um escalão superior ao juvenil, que geralmente é caracterizado por apresentar um maior número e horas de treino.

3.4. Definição de variáveis

As nossas variáveis serão as mesmas que no estudo II (ver estudo II).

3.5. Instrumentos

Serão usados os mesmos instrumentos do estudo II (i.e. EAP e QSA) (ver estudo II).

3.6. Procedimentos

Os procedimentos de recolha de dados foram os mesmos do estudo II (ver estudo II).

3.6.1. Procedimentos estatísticos

Para realizar a comparação de grupos foram analisadas as condições de normalidade da amostra através da análise de normalidade da distribuição com o teste K-S, e a homogeneidade de variâncias através da aplicação do teste de Levene. A análise paramétrica foi feita através da aplicação da técnica estatística t student. Em qualquer dos casos foi analisada a potência do teste referente ao estudo em causa.

3.7. Apresentação e discussão dos resultados

No escalão juvenil, no contexto defensivo, a média mais alta verifica-se na dimensão avaliação do papel ($2,44 \pm 0,85$) e a média mais baixa foi obtida na dimensão comportamentos necessários para o cumprimento do papel ($1,92 \pm 0,88$). No contexto ofensivo, o escalão juvenil manifesta novamente, estar melhor esclarecido em relação ao seu papel na dimensão avaliação do papel ($2,48 \pm 0,77$) e menos esclarecido na dimensão comportamentos necessários para o cumprimento do papel ($1,80 \pm 0,75$). No escalão júnior, no contexto defensivo os atletas obtiveram a maior média em duas dimensões, na dimensão extensão das responsabilidades ($2,52 \pm 0,93$) e na dimensão consequências do não cumprimento do papel ($2,52 \pm 0,92$). A média mais baixa situou-se na dimensão avaliação do papel ($2,03 \pm 1,00$). No contexto ofensivo, a média mais alta foi obtida na dimensão avaliação de papel ($2,63 \pm 0,90$), e a mais baixa na dimensão comportamentos necessários ao cumprimento do papel ($2,07 \pm 0,98$). Em ambos os contextos o escalão júnior obteve uma média superior em

todas as manifestações de ambiguidade (i.e. maior clareza de papel) comparativamente ao escalão juvenil (ver tabela 16).

Tabela 16.

Análise descritiva ambiguidade de papel nos contextos defensivo e ofensivo, escalões juvenil e júnior

		Defensivo		Ofensivo	
		M	SD	M	SD
Extensão responsabilidades	Juvenil	2,42	0,94	2,37	0,83
	Júnior	2,52	0,93	2,62	0,90
Comportamento papel	Juvenil	1,92	0,88	1,80	0,75
	Júnior	2,03	1,00	2,07	0,98
Avaliação papel	Juvenil	2,44	0,85	2,48	0,77
	Júnior	2,51	0,86	2,63	0,90
Consequências papel	Juvenil	2,36	0,77	2,37	0,81
	Júnior	2,52	0,92	2,62	0,93

Nota: Juvenil N=123; Júnior N=109

Na tabela 17 são apresentadas as manifestações da satisfação, e verificamos que em ambos os escalões a dimensão da satisfação que apresenta maior média é a dimensão da estratégia, juvenil ($5,07 \pm 0,88$) e júnior ($5,03 \pm 0,81$). As dimensões que apresentam as médias mais baixas são, a ética, no escalão juvenil ($4,31 \pm 0,96$) e a prestação equipa, no escalão júnior ($3,41 \pm 1,36$).

Tabela 17.*Análise descritiva satisfação nos escalões juvenil e júnior*

		M	SD
Prestação individual	Juvenil	4,51	0,75
	Júnior	4,35	0,91
Prestação equipa	Juvenil	4,33	0,95
	Júnior	4,05	1,10
Utilização habilidades	Juvenil	4,85	0,84
	Júnior	4,66	0,99
Estratégia	Juvenil	5,07	0,88
	Júnior	5,03	0,81
Tratamento pessoal	Juvenil	4,95	0,92
	Júnior	4,95	0,95
Treino instrução	Juvenil	4,59	0,78
	Júnior	4,58	0,76
Equipa tarefa	Juvenil	4,42	0,94
	Júnior	4,45	0,90
Equipa social	Juvenil	4,49	0,75
	Júnior	4,43	0,88
Ética	Juvenil	4,31	0,96
	Júnior	4,33	0,88
Integração equipa	Juvenil	4,53	1,00
	Júnior	4,66	0,76
Dedicação pessoal	Juvenil	5,03	0,61
	Júnior	4,83	0,78

Nota: Juvenil N=123; Júnior N=109

Tabela 18.

Teste Levene para igualdade de variâncias e teste t para igualdade de médias no contexto defensivo

	Teste de Levene		t-teste para Igualdade de Médias	
	F	Sig.	t	Sig.(2-tailed)
Extensão responsabilidades	0,003	0,96	-0,74	0,46
Comportamentos papel	2,39	0,12	-0,92	0,36
Avaliação papel	0,12	0,73	-0,64	0,52
Consequências papel	0,47	0,49	-1,38	0,17

A tabela 18 mostra-nos os resultados do teste de Levene para a igualdade de variâncias no contexto defensivo, onde podemos observar que a significância apresenta sempre valores superiores a 0,05 ($p > 0,05$), (sig=0,96, $p > 0,05$; sig=0,12, $p > 0,05$; sig=0,73, $p > 0,05$; sig=0,49, $p > 0,05$), logo podemos concluir que existe homogeneidade de variâncias. Analisando o teste t (estatística paramétrica) podemos ver que a significância é novamente superior a 0,05 em todas as dimensões, (sig=0,46, $p > 0,05$; sig=0,36, $p > 0,05$; sig=0,52, $p > 0,05$; sig=0,17, $p > 0,05$). Desta forma podemos concluir que não existem diferenças significativas entre as médias dos escalões júnior e juvenil, nas dimensões extensão das responsabilidades, comportamentos necessários ao cumprimento do papel, avaliação do papel, e consequências do não cumprimento do papel defensivo. Aceita-se a hipótese nula.

Tabela 19.

Teste Levene para igualdade de variâncias e teste t para igualdade de médias no contexto ofensivo

	Teste de Levene		t-teste para Igualdade de Médias	
	F	Sig.	t	Sig.(2-tailed)
Extensão responsabilidades	0,003	0,96	-2,19	0,03
Comportamentos papel	7,16	0,01	-2,37	0,02
Avaliação papel	1,64	0,20	-1,34	0,18
Consequências papel	0,15	0,70	-2,21	0,03

No contexto ofensivo, a tabela 19, mostra-nos que as nossas variâncias são homogêneas visto a significância ser superior a 0,05, ($p > 0,05$), à exceção da

dimensão comportamentos de papel, que apresenta uma significância inferior a 0,05 (sig=0,01, $p < 0,05$). Assumido a homogeneidade das variâncias usamos o teste t para verificar se existem ou não diferenças significativas entre as médias dos escalões. Analisando a coluna sig.(2-tailed) verificamos que existem diferenças significativas entre os escalões nas variáveis: extensão das responsabilidades (sig=0,03; $p < 0,05$) comportamentos necessários ao cumprimento do papel (sig=0,02; $p < 0,05$), e consequências do não cumprimento do papel (sig=0,03; $p < 0,05$), desta forma, rejeita-se a hipótese nula (H_0) e aceita-se H_1 . A dimensão avaliação de papel no contexto ofensivo foi a única que não mostrou existirem diferenças significativas entre os escalões (sig=0,18; $p < 0,05$).

Os resultados, tanto a nível defensivo como ofensivo podem ser explicados, pois admitimos que o facto do escalão júnior apresentar mais horas de treino ($7,03 \pm 1,00$) e contacto com a modalidade (superiores anos de prática, $8,57 \pm 2,96$; e maior frequência de treinos semanais $4,50 \pm 0,52$) ajude os atletas a melhor definirem os seus papéis, e consequentemente obtenham um melhor desempenho.

Tabela 20.

Teste Levene para igualdade de variâncias e teste t para igualdade de médias da satisfação

	Teste de Levene		t-teste para Igualdade de Médias	
	F	Sig.	t	Sig.(2-tailed)
Prestação individual	2,30	0,13	1,43	0,16
Prestação equipa	2,89	0,09	2,11	0,04
Utilização habilidades	4,92	0,03	1,54	0,12
Estratégia	0,28	0,60	0,40	0,69
Tratamento pessoal	0,02	0,90	-0,04	0,97
Treino instrução	0,38	0,54	0,12	0,90
Equipa tarefa	0,30	0,58	-0,29	0,77
Equipa social	1,10	0,30	0,55	0,58
Ética	0,78	0,38	-0,17	0,87
Integração equipa	8,63	0,00	-1,09	0,28
Dedicação pessoal	7,13	0,01	2,26	0,03

Na tabela 20, verificamos que as variâncias da satisfação são homogêneas, à exceção das dimensões: utilização habilidades ($\text{sig}=0,03$; $p < 0,05$), integração equipa ($\text{sig}=0,00$; $p < 0,05$), e dedicação pessoal ($\text{sig}=0,01$; $p < 0,05$). O teste t revela-nos a existência de diferenças significativas na satisfação entre os escalões nas dimensões: prestação equipa ($\text{sig}=0,04$; $p < 0,05$) e dedicação pessoal ($\text{sig}=0,03$; $p < 0,05$) entre os escalões juvenil e júnior, desta forma, rejeita-se a hipótese nula (H_0) e aceita-se H_1 . As restantes dimensões não apresentaram diferenças significativas entre os escalões júnior e juvenil.

3.8. Conclusões

Neste estudo pudemos concluir que o escalão júnior e juvenil tem influência em todas as manifestações da ambiguidade de papel no contexto defensivo e ofensivo, à exceção da dimensão comportamentos de papel no contexto ofensivo, pois, verificou-se diferenças significativas entre os escalões nesta forma de ambiguidade de papel. Nas manifestações da satisfação, existem diferenças significativas entre os escalões nas dimensões: prestação equipa e dedicação pessoal. Os resultados podem ser explicados pela maior experiência ao nível do papel por parte do escalão júnior, uma vez que estes apresentam um maior número de anos de prática e um maior número horas de prática semanal.

Capítulo IV – Conclusões Gerais

O nosso trabalho foi composto por três estudos, sendo que o primeiro consistiu na tradução e validação preliminar da *Role Ambiguity Scale* (Beauchamp et al., 2002). Podemos concluir que a solução inicial da já traduzida Escala de Ambiguidade de Papel, não se adequa ao modelo original, existindo bastantes diferenças entre as duas soluções, sendo que na nossa solução foram eliminados nove itens no contexto defensivo e onze itens no contexto ofensivo, e ainda, nestes contextos, fomos obrigados a eliminar as dimensões avaliação de papel (defensivo e ofensivo) e consequências de papel (defensivo) por falta de itens suficientes. Concluímos, assim, que na validação preliminar da Escala da Ambiguidade de Papel, a solução encontrada não se ajusta ao modelo conceptual proposto por Beauchamp et al. (2002) nos dois contextos, comprovado também por Karamousalidis et al. (2007) e Grande e Borrego (2010). Ainda há muito por explorar na validação deste questionário.

O segundo estudo a que nos propusemos, consistiu na verificação da existência ou não da relação entre a ambiguidade de papel e satisfação. Concluímos que os atletas estão bem esclarecidos em relação ao seu papel e que os níveis de satisfação são moderados e, consequentemente verificámos que ambiguidade de papel está negativa e fortemente correlacionada com a satisfação. As manifestações da ambiguidade de papel estão correlacionadas com grande parte das manifestações da satisfação e, com isto podemos concluir que quanto mais altos forem os níveis de ambiguidade (menor clareza de papel) menores serão os níveis de satisfação. Em termos práticos, os atletas que não estão bem esclarecidos em relação ao seu papel desenvolverão níveis de satisfação mais baixos que os atletas que percebem melhor o seu papel. Concluímos ainda, que a dimensão da ambiguidade, comportamentos de papel no contexto ofensivo, foi a variável que melhor explicou a relação entre ambiguidade de papel e a satisfação. Desta forma, atletas que percecionam com maior clareza os comportamentos que devem adotar no que diz respeito ao contexto ofensivo, apresentam uma maior satisfação.

No estudo III concluímos que o escalão júnior e juvenil tem influência em todas as manifestações da ambiguidade de papel no contexto defensivo e ofensivo, à exceção da dimensão comportamentos de papel no contexto ofensivo, pois, verificou-se diferenças significativas entre os escalões nesta forma de ambiguidade de papel. Nas manifestações da satisfação, existiram diferenças significativas entre os escalões nas dimensões: prestação equipa e dedicação pessoal. Estes resultados podem ser explicados pela maior experiência ao nível do papel por parte do escalão júnior, uma

vez que estes apresentam um maior número de anos de prática e um maior número horas de prática semanal.

Pensamos que o nosso estudo deu um contributo importante para a investigação da área da ambiguidade de papel no contexto desportivo, um pequeno passo em muitos que terão de ser dados na validação da Escala de Ambiguidade de Papel para a língua portuguesa.

Em termos funcionais, este estudo reforça a importância dos construtos psicológicos no contexto desportivo, destacando a importância da mensuração das diferentes manifestações da ambiguidade (extensão das responsabilidades, comportamentos de papel, avaliação do papel e consequências de papel) contrariamente à utilização de uma escala global, isto porque, sabendo qual a dimensão de ambiguidade que está associada à satisfação (no nosso caso) podemos delinear uma intervenção específica direccionada para a dimensão de ambiguidade em causa. E assim obter uma intervenção muito mais eficiente.

Capítulo V – Limitações e Propostas para Novos Trabalhos

A principal limitação do estudo I, diz respeito ao número de participantes no estudo, pois consideramos ser esta a razão pela qual a estrutura fatorial da Escala de Ambiguidade de Papel, tenha diferido tanto do modelo original. Recomendamos assim, que em posteriores estudos seja utilizada uma amostra superior, para o rácio de dez participantes: um item seja respeitado de forma a conseguir uma solução mais aproximada possível da original. Aconselhamos, também, a continuação da exploração dos dados com confirmação, ou seja, a realização da análise fatorial confirmatória. Propomos, ainda, uma maior exploração dos modelos explicativos das diversas variáveis que se possam vir a correlacionar com a ambiguidade de papel em estudos futuros, visto esta vertente estar pouco explorada.

O estudo II e III têm como principal limitação a generalização de resultados, pois consideramos que estes não poderão ser generalizados a outro tipo de populações, devido à insuficiente diversidade da amostra (atletas juniores e juvenis de futebol). Desta forma, a nossa recomendação vai no sentido de, em estudos futuros, serem exploradas outras populações, outras modalidades e outros níveis competitivos. Para futuros trabalhos na área da satisfação seria interessante perceber se a outro nível de competição, mais especificamente em competições de alto rendimento, também se verifica a mesma relação entre ambiguidade e satisfação.

Capítulo VI – Bibliografia

- Abramis, D. J. (1994). Work role ambiguity, Job satisfaction, and job performance: Meta-analysis and review. *Psychological Reports*, 75, 1411-1433;
- Barnette, J. J. (2000). Effects of stem and Likert response option reversals on survey internal consistency: if you feel the need, there is a better alternative to using those negatively worded stems. *Educational and Psychological Measurement*, 60, 361 e 370;
- Beauchamp, M. R., & Bray, S. R. (2001). Role ambiguity and role conflict within interdependent teams. *Small Group Research*, 32, 133-157;
- Beauchamp, M.R., & Bray, S.R., Eys, M.A., & Carron, A.V. (2002). Role Ambiguity, Role Efficacy, and Role Performance: Multidimensional and Meditational Relationships within Interdependent Sports Teams. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 6, 229-242;
- Beauchamp, M. R., Bray, S. R., Eys, M. A., & Carron, A. V. (2003). The Effect of Role Ambiguity on Competitive State Anxiety. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 25, 77-92;
- Beauchamp, M. R., Bray, S. R., Eys, M. A., & Carron, A. V. (2005). Leadership behaviors and multidimensional role ambiguity perceptions in team sports. *Small Group Research*, 36, 5-20;
- Beauchamp, M.R., Bray, S.R., Fielding, A., & Eys, M.A. (2005). A multilevel investigation of the relationship between role ambiguity and role efficacy in sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 6, 289–302 ;
- Bebetsos, E., Theodorakis, N.D. & Tsigilis, N. (2007). Relations between role ambiguity and athletes; Satisfaction among team handball players. *Psychological Reports*;
- Borrego, C., & Alves, J. (2006). Como avaliar a satisfação dos atletas com as experiências desportivas – Tradução e Adaptação do questionário “Athlete Satisfaction Questionnaire” para português. *Desporto, Investigação & Ciência* (V), 63-82;

- Borrego, C., Leitão, J., Alves, J., Silva, C. & Palmi, J. (2010). Análise Confirmatória do Questionário de Satisfação do Atleta – Versão Portuguesa. *Revista Psicologia, Reflexão e Crítica*, 23(1), 110-120;
- Bosselut, G. (2008). *Antecedents e Consequences de L'Ambiguïté du Role au Sein des Equipes Sportives: L'Apport du Modele de L'Episode du Role*. Tese de Doutoramento, l'Université Joseph Fourier, Grenoble, França;
- Bosselut, G., Heuzé, J-P., & Eys, M. A. (2009). Ambiguïté du rôle au sein des équipes sportives. *Science & Motricité*, 66, 33-60;
- Bosselut, G., Heuzé, J-P., & Sarrazin, P., Structure of the role ambiguity framework and validity in the French culture, *Psychology of Sport and Exercise* (2010), doi:10.1016/j.psychsport.2010.06.001;
- Bray, S. R., & Brawley, L. R. (2002). Role efficacy, role clarity, and role performance effectiveness. *Small Group Research*, 33, 233 -253;
- Bray, S. R., Beauchamp, M.R., Eys, M.A., & Carron, A.V. (2005). Does the Need for Role Clarity Moderate the Relationship between Role Ambiguity and Athlete Satisfaction?. *Journal of Applied Sport Psychology*, 17, 306-318;
- Brawley, L. R., Carron, A. V., & Widmeyer, W. N. (1988). Exploring the relationship between cohesion and group resistance to disruption. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 10, 199-213;
- Brawley, L. R., Carron, A. V., & Widmeyer, W. N. (1993). The influence of the group and its cohesiveness on perceptions of group goal-related variables. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 15, 245-260;
- Carron, A. V. (1982) Cohesiveness in sport groups: interpretations and considerations. *Journal of Sport Psychology*, 4, 123-138;
- Carron, A. V. (1988). *Group dynamics in sport*. Londo, Ontario: Spodym Publishers;
- Carron, A. V., Ball, J. R., & Chelladurai, P. (1977). Motivation for participation, success in performance and their relationship to individual and group satisfaction. *Perceptual and Motor Skills*, 45, 835-841;
- Carron, A. V., & Chelladurai, P. (1981). The dynamics of group cohesion in sport. *Journal of Sport Psychology*, 3, 123-139;

- Carron, A. V., & Dennis, P. W. (2001). *The sport team as an effective group. Applied sport psychology: personal growth to peak performance*. Mountain View, CA: Mayfield;
- Carron, A. V., & Hausenblas, H. (1998). *Group dynamics in sport* (2 ed.) Morgantown, WV: Fitness Information Technology;
- Carron, A. V., Hausenblas, H. A., & Eys, M. A. (2005). *Groups dynamics in sport* (3^a Ed). Morgantown, VW: Fitness Information Technology;
- Cruz, J. (1996) *Manual da Psicologia do Desporto* (1 ed.). Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais, Lda;
- Cunningham, I., & Eys, M. A. (2007). Role ambiguity and intra-team communication in interdependent sport teams. *Journal of Applied Social Psychology*, 37, 2220-2237;
- Chelladurai, P. & Riemer, H. A. (1997). A Classification of Facets of Athlete Satisfaction. *Journal of Sport Management*, 11, 133-159;
- Chelladurai, P. & Riemer, H. A. (1998). Measurement of Leadership in Sport, in J. Duda (Eds), *Advances in Sport and Exercise Psychology Measurement*, 13, 227-256;
- Dosil, J. (2008). *Psicología de la Actividad Física y del Deporte* (2 ed.). Madrid: McGraw-Hill;
- Eys, M. A., & Carron, A. V. (2001). Role ambiguity, task cohesion, and task self-efficacy. *Small Group Research*, 32, 356-373;
- Eys, M.A., Carron, A.V., Bray, S.R., & Beauchamp, M.R. (2003). Role Ambiguity and Athlete Satisfaction. *Journal of Sports Sciences*, 21, 391-401;
- Eys, M.A., Carron, A.V., Beauchamp, M.R., & Bray, S.R (2005). Role Ambiguity in Sport Teams. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 25, 534-550;
- Eys, M.A., Carron, A.V., Bray, S.R., & Beauchamp, M.R. (2005). Athletes' Perceptions of the Sources of Role Ambiguity. *Small Group Research*, 36, 383-403;
- Eys, M.A., Carron, A.V., Bray, S.R., & Beauchamp, M.R. (2005). The Relationship Between Role Ambiguity and Intention to Return the Following Season. *Journal of Applied Sport Psychology*, 17, 255-261;

- Eys, M. A., Beauchamp, M. R., & Bray, S. R. (2006). A review of team roles in sport. In S. Hanton & S. Mellalieu (Eds.), *Literature reviews in sport psychology*, 227-255. Hauppauge, NY: Nova Science Publishers;
- Fisher, C. D., & Gitelson, R. (1983). A meta-analysis of the correlates of role conflict and ambiguity. *Journal of Applied Sport Psychology*, 68, 320-333;
- Giesenow, C. (2007). *Psicología de los equipos desportivos. Claves para formar equipos exitosos* (1 ed.). Buenos Aires: Claridad;
- Grande, E. M. T. C. & Borrego, (2011). *Relação entre ambiguidade de papel e ansiedade-estado*. Tese de Mestrado, Escola Superior de Desporto de Rio Maior, Rio Maior, Portugal;
- Hair, J., Black, W., Babin, B., Anderson, R., & Tatham, R. (2006). *Multivariate data analysis* (6ª Ed.). New Jersey: Pear-son Educational;
- Horne, T., & Carron, A. V. (1985). Compatibility to coach-athlete relationships. *Journal of Sport Psychology*, 7, 137-149;
- Hill, M., & Hill, A. (2000) *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo;
- Jackson, S. E., & Schuler, R. S. (1985). A meta-analysis and conceptual critique of research on role ambiguity and role conflict in work settings. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 36, 16-78;
- Jones H. R. (2006). *The Relationships among role involvement, team cohesion, and athlete Satisfaction*. Tese de Mestrado, Universidad of North Carolina, Greensboro, Estados Unidos da América;
- Júnior, J. R. A. N., Vieira, L. F., Souza, E. A. & Vieira, J. L. L. (2011). Nível de satisfação do atleta e coesão de grupo em equipes de futsal adulto. *Rev Bras Cineantropom Desempeno Hum* 2011, 13(2), 138-144;
- Kahn, R. L., Wolfe, D. M., Quinn, R. P., Snoek, J. D., & Rosenthal, R. A. (1964). *Organizational stress: Studies in role conflict and ambiguity*. New York: John Wiley & Sons;
- Kahn, J. H. (2006). Factor analysis in counseling psychology research, training, and practice: Principles, advances, and applications. *The Counseling Psychologist*, 34, 684-718;

- Karamousalidis, G., Bebetos, E., Laparidis, K. & Theodorakis, G. (2007). Role Ambiguity among Greek Athletes. In Charalambos, L. (Editor), *The Cyprus Journal of Sciences*, 5, 1-19;
- Leitão, C. (2002). *Metodologia da Investigação em educação física e desporto: Estatística multivariada e introdução à análise factorial*. Vila Real: SDE – Universidade de Trás os Montes e Alto Douro;
- Maroco, J. (2007) *Análise estatística com utilização do SPSS* (3 ed.). Lisboa: Edições Sílabo;
- Mellalieu, S. D., Hanton, S., & Fletcher, D. (2006). *A competitive anxiety review: Recent directions in sport psychology research*. New York: Nova Science Publishers;
- Mellalieu, S. D., & Juniper, S. W. (2006). A qualitative investigation into experiences of the role episode in soccer. *The Sport Psychologist*, 20, 399-418;
- Oberlé, D. (1995). L'approche interactionniste des rôles. In G. Mugny, D. Oberlé, & J.-L. Beauvois (Eds.), *Relations humaines, groupes et influence sociale* (pp. 101-110). Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble;
- Rainey, D.W. & Schweickert, G.J. (1988) An exploratory study of team cohesion before and after a spring trip. *The Sport Psychologist*, 2, 314–17;
- Rimer, H. A. & Chelladurai, P. (1998). Development of the Athlete Satisfaction Questionnaire (ASQ). *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 20, 127-156;
- Tubre, T. C., & Collins, J. M. (2000). Jackson and Schuler (1985) revisited: A meta-analysis of the relationships between role ambiguity, role conflict, and job performance. *Journal of Management*, 26, 155-169;
- Vallerand, R. J. (1989). Vers une méthodologie de validation transculturelle de questionnaires psychologiques: implications pour la recherche en langue française. *Psychologie Canadienne*, 30(4), 662-689;
- Weinberg, R. S., & Gould, D. (2001) *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício* (2 ed.). Porto Alegre: Artmed;

Worthington, R. L., & Whittaker, T. A. (2006). Scale Development Research: A content analysis and recommendations for best practices. *The Counseling Psychologist*, 34(6), 806-838.